



FRANCISCO MARQUES DOS SANTOS

le ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

11,4

Q-100-02

10-



**L6o Junho**

---

**OS SUBTERRANEOS de MORRO de CASTELLO**

---

**LIVRARIA BRAZILEIRA**

(E

**TANGREDO DE BARROS PAIVA**

**132, Rua do Lavradio, 132**

**Annuncia ás Terças-feiras  
no "Jornal do Commercio"**



L.H. 67

11

LLA

no 2890

ces



**OS SUBTERRANEOS**  
DO  
**MORRO DO CASTELLO**



Esta obra não poderá ser transcripta nem impressa sem  
prévia licença do autor.

**LEO JUNIUS.**

HISTORIA

---

OS  
SUBTERRANEOS  
DO  
MORRO DO CASTELLO

SEUS  
MYSTERIOS E TRADIÇÕES

POR  
LÉO JUNIUS

Dichos maravillosos que andam  
por bocca de todos desparsidos....

CORDERO.

*Prompt. de Medallas.*



RIO DE JANEIRO

Typ. de Pinheiro & C.— Rua Sete de Setembro n. 157.

—  
1878



## AO RASGAR O VÉO



São tantos os mysterios e tradições do secular edificio, que servio de collegio dos jesuitas, nesta côrte, nos tempos coloniaes, que a imaginação se perde em um dedalo de conjecturas.

Recentes descobertas nos levão a escrever-lhe os mysterios e tradições.

Terriveis confissões de crimes antigos, provas espantosas de perversidade secreta, que jazião até então nas trévas, eis o que contém estas paginas.

O que se passou nesses subterraneos, hoje silenciosos, onde ha mais de um seculo não penetra viva alma?

São tantos os dramas sanguinolentos, que se escondem nesses espaços silenciosos, como as trévas que os povoão.







MARIA DE GUSMÃO



# MARIA DE GUSMÃO

---

Co n'est ni une improvisation  
à batons rompus, ni une com-  
position artistement conçue.  
C'est le portrait d'un bourreau  
et d'une victime d'après le seul  
exemplaire qu'il a laissé.

D. F.

## I

O seculo XVIII foi bem semelhante ao seculo XVI.

Foi um seculo de agitações, de odios ardentes, de guerras publicas e privadas, e de crimes espantosos.

A inquisição, esse tribunal iniquo, estendia, como um abutre, suas negras azas sobre quasi todo o mundo.

A companhia de Jesus quasi que tambem avassalava igual extensão.

Ambas tinham tocado o seu zenith. Ambas devião cair.

Vistas à distancia do tempo e dos lugares, que nos separão desse seculo, as atrocidades, cuja narração fazemos, nos parecem quasi imaginarias, porque hoje somos felizes em não assistir a semelhantes espectaculos.

O que excita a nossa imaginação, o que nos surpreende, o que nos tenta a coordenar essas atrocidades entre os mais insolúveis problemas da historia, não é tanto a crueldade dos homens isentos do temor de Deos, é a paciente resignação das victimas.

Nesse seculo a corrupção geral invadio quasi todas as classes.

Os homens, enervados pelo luxo, aviltados pelo vicio, aspiravão só os prazéres dos sentidos e, só ambicionavão riquezas.

Por uma depravação do sentimento, os sensualistas cynicos encontravão um gozo particular na contemplação da virtude em luta com os horrores do supplicio.

No grande theatro da historia, um espantoso segredo vem revelar-nos um duplo crime, commettido pelo membro de uma associação, que professava a pobreza e a caridade christã.

A natureza hedionda do assumpto demanda circumspecção e imparcialidade, por não se poder projectar muita luz sobre esses factos, passádos ha mais de um seculo; e occultos com toda a cautela, factos que só o infallivel e austero tribunal da consciencia humana mandou revelar, talvez como uma punição.

## II

Aonde não chegava o decreto e o alvará, acudia o algoz e o supplicio.

LATINO COELHO. — *Hist. de Portugal.*

Assim como os crimes de Néro erão ignorádos pela massa dos cidadãos, porque elle os commettia de noite e ás escondidas, e não á luz do dia, como Tiberio e Caligula, tambem os dos inquisidores e jesuitas ficá-rão a maior parte sepultados no pó do esquecimento.

O cidadão romano, entrando em casa, achava logo acorrentado o escravo, que lhe servia de porteiro; ao pé deste os azorragues suspensos á parede do vestibulo; depois seus olhos encontravão as marcas do ferro e da corda impressos no rosto e nas espaldas de seus servidores.

Tudo, em uma palavra, lhe dizia, que elle era o *despota*, ou o *senhor*, porque são estes termos differentes que exprimem um factio identico—a posse irresponsavel de um grupo de creaturas humanas reduzidas á obediencia passiva dos animaes.

O jesuita era mais que o despota romano; não tinha em torno de si a obediencia passiva de animaes: tinha a *obediencia cega do cadaver* !

Alguns membros dessa associação a ella se tinham acolhido por diversos crimes; e endurecidos, contra o sentimento do bem e do mal, como contra o espectáculo da dôr, pelos vicios de sua instituição, pela crueldade de seus costumes privados, pela disciplina quotidiana de suas proprias casas, não recuavão ante crime algum.

Se algum imprudente ousasse murmurar apenas contra tal conducta, braço invisivel o feria com a rapidez do raio. Tendo certeza de poderem punir qualquer inimigo, elles zombavão de todos.

### III

... a machina de um tão grande corpo é facil de mover e difficil de abalar.

*Imago primi sæculi societatis Jesu.*

A sociedade de Santo Ignacio, ou companhia de Jesus, era, como diz o illustrado Latino Coelho, a vanguarda luzida e esforçada dos exercitos espirituaes, que o imperio theocratico trazia disseminado por toda a christandade.

Das suas fileiras se recrutavão directores espirituaes de reis, de principes e de grandes ; se elegião prégadores ; se nomeavão cathedricos ; se provião dos seus mais afamados casuistas os tribunaes da penitencia ; se deputavão missionarios e se diffundião educadores.

A' litteratura, á sciencia, á civilisação e christandade, a companhia de Jesus tinha prestado eminentes serviços (\*).

(\*) Lord. Macaulay, *The History of England*.

Os filhos de Loyola enchêrão as listas dos martyrologios ultramarinos nas afastadas terras orientaes. No Japão a sua milicia acabára santa e gloriosamente.

A America devia-lhe a cultura e catechese de indios aldeados, e essas raças conquistadas contavão-os muitas vezes como seus defensores os mais estrenuos contra a sevicia e oppressão de brutaes e interesseiros colonisadores.

O padre Antonio Vieira com a sua eloquencia *tão alto se levantára*, que o esplendido fulgor de sua eloquencia lhe illuminava a patria e a companhia.

O fogado Marianó, o famigerado Escobar, o erudito Soares granatense, o casuista Busembaun, erão o terror dos aulicos zelantes, como quem se havia abalançado a defender a justiça do regicidio, quando, como diz Latino Coelho, o desdem viesse converter em insania affrontosa a oppressão e tyrannia.

Nunca houve uma associação tão vasta sob qualquer fôrma religiosa ou estado social, um corpo mystico, de mais harmonica e robusta organização, de mais energica vitalidade, do que a sociedade de Jesus.

Exercito numeroso, severamente disciplinado, reunido ao mando e obediencia de um só generalissimo, em cujas mãos era o puro instrumento de uma colossal empreza.

Soldados, a cuja individual vontade succedia a mais irreflectida obediencia, a mais completa abnegação ; soldados a quem despião a armadura para lhes darem

a humilde roupeta por arnez, a paciencia por escudo, e por arma o breviario.

Estes conscriptos, espalhados por todas as regiões da christandade, em vez de levarem á batalha os entendimentos mal polidos, se adestravão durante o seu custoso noviciado, em todos os exercicios do entendimento, provando o animo para o desapego de si mesmos, e apercebendo o espirito para os combates da palavra.

Era um exercito numeroso, que manobrava uniforme á voz dos chefes, repartido em provincias religiosas, como quem diria em espirituaes corpos de exercito, pelos estados europeus e seus dominios de ultramar, conquistando a direcção intellectual das nascentes gerações, desde a escola popular até os geraes da mais douta universidade.

Tinhão tomado conta sem resistencia dos dous elementos então fundamentaes da vida social—os reis e os povos: os reis pelo tribunal da penitencia e pela valia cortesã; os povos pelo confissionario.

O poderoso exercito cerrou fileiras em Portugal contra uma sociedade sem mais liame, que a obediencia a um monarcha. Contava sahir vencedor dos recontros em que tivesse por inimigo o poder civil, do mesmo modo que um exercito bem indus-triado na peleja, ligado pelos vinculos de imperiosa disciplina, e resolutos a sobrehumanos commettimentos, irrompe a um meneio de seu chefe as fronteiras

de um Estado imbelle, ainda que densamente povoado, e dita a lei a centuplicadas multidões.

Era essa companhia uma monarchia absoluta, cujo autocrata, residindo em Roma, irradiava seus mandos para todas as dilatadas regiões, onde o seu imperio era obedecido.

O seu ambicioso cosmopolitismo fazia desaparecer a idéa de patria natural. Ainda ella não contava dous seculos, e já assoberbava os governos temporaes.

Nenhuma ordem ou congregação contou em seu seio elementos mais poderosos de influencia mundana e espiritual, mais perfeita disciplina, mais energica actividade, mais illimitada obediencia e mais concertado movimento(\*).

Dispersos por todos os cantões do mundo, e divididos em tantas nações e em tantos reinos quantos são os limites da terra; porém estas separações erão sómente dos lugares e não dos sentimentos; erão differenças de pratica e não de affectos; dissemelhança nas côres, não nos costumes.

Na familia jesuitica o mesmo sentem o latino e o grego, o portuguez e o americano, o inglez e o flamengo.

E entre tantos homens de genios diversos, se não vê nenhum debate, nenhuma controversia; nada ha que faça parecer que são muitos em numero. Nada

(\*) Latino Coelho, *Híst. Polít. e Milit. de Port. tomo I.*



juulgão que lhes importa saberem qual foi a sua patria. Todos têm uns mesmos designios, uma mesma fórma de vida, um mesmo voto, que, como um vinculo conjugal, os colligão tódos em uma mesma união. Ao mesmo signal um só homem (isto é, o geral) volta e revolta a sociedade inteira e, determina a revolução da machina de um tão grande corpo.

*Elle é facil de mover e difficil de abalar*(\*).

« Não ha jesuitas portuguezes e jesuitas hespanhoes, diz José de Seabra esboçando a largos traços a companhia de Jesus, na *Dedução Chronologica*, parte I, div. IX, § 338, porque uns e outros são na realidade os mesmos jesuitas, que não conhecem outro soberano que não seja o seu geral, outra nação que não seja a sua propria sociedade; porque pela profissão que a ella os une ficão logo destanuralizados da patria, dos pais e dos parentes. . não reconhecem outra obediencia que não seja a que lhes impõem as ordens que recebem do seu. . . geral e dos prelados a elle subordinados. . . nenhum dos ditos regulares. . . podem separar-se do commum da sociedade para fazerem acção alguma pessoal ou local, que não seja dirigida pelo espirito e pelas ordens do. . . commum concentrado no seu. . . geral. »

Eis o que era essa companhia, que lutou sempre para avassallar ao seu dominio os monarchas e nações.

(\*) *Imago primi sæculi societatis, Jesu., prolog. pag. 33.*

Apezar da companhia de Jesus ter contado em seu seio o padre Guldin, que vinculou para sempre a sua gloria aos progressos da geometria e da mecanica, pelo seu theorema e pelas suas pesquizações sobre os centros de gravidade : o padre Clavius, allemão, que collaborou no calendario gregoriano e expoz o lemma de que deriva a construcção do *nonio*.

Athanazio Kircheri, germanico, de cuja pasmosa erudição se admirão os contemporaneos ; o padre Belli, mathematico insigne ; La Faille, que precedeu a Guldin no mesmo estudo ; o padre Gaubil, memoravel pelo seu *Tratado de astronomia chineza* ; Grimaldi, que antecederá a Newton nos estudos experimentaes sobre a difracção da luz, e adivinhou o phenomeno das interferencias theoricas, mais tarde formuladas por Young e Fresnel ; o padre Riccioli, notavel pela sua vasta erudição astronomica ; o jesuita Scheiner, que disputára a Galileu o descobrimento das manchas do sol.

Gregorio de Sain Vicent, que descobriu uma das mais bellas propriedades da hyperbole. O padre Loubere, distincto geométra pelos seus trabalhos sobre a cycloide.

O padre L'Hoste, que fundou scientificamente na escola de marinha de Toulon, onde era professor, a tactica naval... Em Portugal era ella, porém, falta de bons engenhos.

A fidalguia portugueza nessa época, salvo raras

excepções, estava degenerada e ociosa ; apenas sabia povoar com a libré dos famulos reaes as ante-camaras dos paços, usurpar todos os cargos e influencias, e esterilisar o trabalho das classes productivas pela oppressão dos encargos e vexames.

Vedado pelo ensino theocratico e pedante, o espirito nacional, adormecia, e o clero tudo dominava.

A companhia quiz ser uma dessas columnas.

Pesão na balança da justiça mais os seus erros que beneficios.

Vejamos.

Simão José da Luz Soriano, no segundo volume da obra, *Historia do reinado de el-rei D. José I*, diz que a corrupção dos jesuitas nessa época prova-se com os documentos seguintes:

Notas feitas pelo governador e capitão general de Angola, Ayres de Saldanha de Souza Menezes, a uma carta que lhe dirigirão os padres jesuitas daquelle Estado.

Grande corrupção dos padres da companhia de Jesus em todo o Brasil, officio do Rio de Janeiro com referencia a um documento contido no officio do dito bispo.

Queixas contra os jesuitas, feita pelo vice-rei daquelle Estado, que teve o titulo de conde de Linhares.

O mais importante destes documentos é o que vem contido no officio dirigido pelo bispo do Rio de Janeiro ao conde de Oeiras (depois Marquez de

Pombal), a 29 de Fevereiro de 1761, cuja integra é a seguinte :

« A companhia que Santo Ignacio fundou para bem universal do mundo, para instrumento da conversão dos fieis, redução dos hereges e reforma dos catholicos, chegou á tanta decadencia e estado tão deploravel, que já hoje serve mais para destruir do que para edificar; mais para corromper os povos, que para os ajudar; mais para escandalo do que para bem das almas.

« A torpe laxidão em que vivião os jesuitas; a monstruosa corrupção dos costumes a que tinhão chegado estes homens, fizerão neste Brasil a esta familia, não só inutil, mas absolutamente perniciosa, abominavel, e merecedora de perpetua abolição, para que a corrupção de tão grande e dilatado corpo não acabasse de envenenar sem remedio aos individuos destas conquistas.

« Esta verdade plenamente penetrou o padre José Giraldes, que entrou na companhia já sacerdote e de idade madura.

« Este padre, depois de estar em Lisboa nove annos por procurador-geral, veio a esta provincia feito provincial, e depois de visitar os collegios do norte e sul, e vêr com seus olhos e apalpar com a experiencia a incorrigivel devassidão e irremediavel soltura dos jesuitas, disse publicamente que entrára na companhia enganado, e que nunca supuzera haver tanta diabrura em uma familia religiosa.

« Mas como a consulta lhe não quizesse aceitar a

renuncia, escreveu ao geral Ignacio Visconti, allegando que se não atrevia com a provincia.

« Aceitou o geral a renuncia, e mandou patente ao padre João Honorato, tendo o dito Giraldes apenas um anno de provincial.

« Nada disto podem negar os jesuitas, porque com a renuncia se fez publico neste Brasil o motivo della.

« Do mesmo conceito erão alguns velhos timoratos, como o padre Antonio de Moraes, que contava mais de oitenta annos, o qual, sendo agora reitor do collegio da Bahia, andava gemendo pelos corredores, e dizendo a todos: *Estd perdida a provincia; a companhia estd muito amarella*. Veja o padre Lourenço Ricci, que é o geral que agora existe, veja e reveja os papeis de seu antecessor Luiz Centurioni, e achará em uma carta séria e zelosa desta provincia estas palavras, que assaz explicão o estado da sociedade :

« *Oh! si paternitas vestra provintiam istam peragrarell quantum fletet super illam! etc.*

Para se imaginar o que seria o ensino jesuitico e suas perniciosas doutrinas, basta lêr o final da curiosissima carta transcripta no precioso livro de D. Antonio da Costa, escripta em 20 de Março de 1535 por Ignacio de Loyola. Eil-o: — « . . . . . tudo o que o superior ordena é ordem de Deos Nosso Senhor, e com toda a vossa alma e consentimento vos appliqueis a crêr o que propõe a fé catholica, assim para fazer o que o superior dêsse *ds cégas*, e sem mais inquerir procedais... »

Não é nosso intuito condemnar *in limine* os jesuitas, porque partilhámos o dictame de um judicioso critico, citado pelo illustrado Innocencio da Silva no seu *Dicionario Bibliographico* :

« O ministerio do marquez de Pombal, a conspiração contra el-rei D. José. a influencia politica e a expulsão dos jesuitas, ainda não tiverão um chronista de quem afoitamente se podesse acreditar, que mais era amigo da verdade do que de Cicero ou de Platão.»

Consulte-se o *Retrato dos jesuitas feito ao natural pelos mais sabios e mais illustres catholicos, ou juizo feito acerca dos jesuitas*, desde 1540 até 1650, obra impressa em Lisboa em 1761 na officina de Miguel Rodrigues.

As doutrinas da igreja moralmente offendidas pelas atrocidades da jesuitica moral.

A origem infecta da relaxação da moral dos jesuitas.

A *monita* secreta dos jesuitas, e a sua *Monitoria secreta* só conhecida em Portugal e no Brasil em tempos mais recentes.

Consulte-se Antonio Felix Mendes, Diogo Barbosa Machado, Luiz, Antonio Vernay, e a carta do capitão Joseph Oribich Ragusano, que contem a noticia do transporte dos jesuitas para *Civitta Vecchia*, e faça o leitor o juizo que quizer.

Nada inventamos; tudo o que escrevemos nestas paginas está provado com documentos authenticos.

A abolição da companhia de Jesus effectuou-se no

dia 23 de Julho de 1773 pelo celebre breve *Dominus Redemptor*, pronunciado pelo papa Clemente XIV.

O conde de Oeiras, ministro de D. José I, e depois marquez de Pombal, com a sua mão poderosa partio nas mãos da Santa Sé a espada dominadora de Ignacio de Loyola.





## IV

... he was the only one he could  
no penetrate.

*Smith's Memoirs, II, 302.*

Os jesuitas erão riquissimos, e seus thesouros não poderão ser sequestrados e não apparecêrão.

Calcula-se em cento e oitenta milhões de cruzados a somma que de Portugal foi para Roma, afim de se obter patriarchados; indulgencias, missas, canonisações durante o reinado de D. João V.

As riquezas que forão do Brasil durante o reinado de D. João V, e que vêm na relação authentica, publicada pelo visconde de Santarem, sommadas as que forão para o rei pelas differentes parcellas dão, 125.174,554 cruzados, 97,470 moedas de ouro, 1 568:146 379,315 marcos de prata e 24,588 marcos de ouro.

Setenta mil réis de ouro em barra, fóra o que foi em pó.

Doze milhões de diamantes, e trezentas e noventa oitavas de ditos.

Vinte e duas caixas de ouro em obras.

Estas diferentes parcellas sommão quantias verdadeiramente fabulosas, podendo-se avaliar em milhões de milhões de cruzados o rendimento de D. João V auferido das minas do Brasil.

D. João V gastava rios de dinheiro em Mafra.

Em França, diz o marquez d'Argenson, os camponezes, para não morrerem de fome, comião as hervas dos campos; em Portugal a situação era quasi identica nessa época. Ião torrentes de ouro do Brasil, e em Portugal morria-se de fome, e o ouro das minas servia para se elevar o convento de Mafra, para se comprar a capella de S. João Baptista, para inslituir em Lisboa o patriarchado, para D. João espalhar luxuosos presentes pela Europa, para que todos admirassem o esplendor de suas embaixadas, e para que Frederico o Grande, nas suas *Memorias*, fallando das loucas magnificencias de seu avô, dissesse que ellas rivalisavão com as dos portuguezes!

Pobre Brasil!

E os jesuitas quanto sugárão?

A sociedade politica portugueza da época, em que se passão os acontecimentos que vamos narrar, perfeitamente a descreveu o illustrado historiador portuguez Rebello da Silva :

« Naquelle tempo, reinado de D. João V, os partidos que hoje combatem nos comicios, e se contrabalançãõ na imprensa ou na tribuna, não existiãõ nem sequer nos delirios da imaginação mais arrojada.

« Outras idéas e outros costumes entretinham a actividade publica.

« O agrado ou desagrado do monarcha, e os maiores ou menores quilates da sua benevolencia, alimentavão as intrigas e as murmurações. No paço nascião e morrião todas as esperanças e ambições; porque um sorriso e uma phrase decidião da fortuna, ou da quêda de um estadista.

« O povo, menos forte e menos senhor de si, queixava-se em pasquins, e apupava em cantigas os valimentos illegitimos, e os actos injustos e ineptos.

« As letras e as sciencias, perfumadas, guindadas e mesureiras, padecião de lisonja incuravel, e não se levantavão das continuas genuflexões aos poderosos, sonão para irem espojar-se nos tablados ignobeis, ou em satyras indecentes nos theatros, nas pulhas metricas, e nas tôas e outeiros dos cirios abbades, bodas e anniversarios.

« Tudo dormitava; embora sentisse já vagas impaciencias e se doesse a miudo, ainda ignorava a molestia, ainda se desconhecia a causa e o remedio della!

« Meio freiratica, meio dissoluta, a sociedade culta gastava os annos pelos salas reaes, pelas procissões, e novenas, pelas grades dos mosteiros, e pelos galanteios e festejos.

« Descuidada, ou confiada na santidade do seu direito, e na cêga obediencia de todas as classes, a monarchia, mais paternal do que severa, cercava-se

de pompas e magnificencias, identificava a sorte do reino com a sua, e prodigalisava a riqueza publica como propria, olhando para o futuro sem receio, porque julgava que o throno e o altar estavam tão altos e tão firmes que não havia braços que lhes chegassem, nem paixões que cedo ou tarde os abalassem.

« A politica occupava poucos eleitos, no sentido mais restricto do vocabulo.

« O rei governava e reinava, rodeado de tribunaes, e contido por elles e pelas leis geraes de certo modo.

« Os ministros agora dirigião, e logo erão simples secretarios.

« Os conselheiros de Estado, ouvidos nos casos graves fallavão com liberdade antiga, sem se lhes levar a mal, e preparavão em largos relatorios oraes, ou em consultas escriptas, as decisões que o principe não ousava adoptar para si.

« Rezava-se nos conventos, prégava-se, murmurava-se deste fidalgo, elogiava-se aquelle, disputando de tudo, quer divino, quer profano, com audacia tão aberta, que varias vezes julgou o rei indispensavel reprimil-a, desterrando algum dos tribunos tousurados ou advertindo os seus prelados para que os contivesse, deixando ao mundo o que pertencia ao mundo. »

Em todos os lances da época os frades representão sempre um papel notavel.

Servia-lhes o habito de couraça, e de pretexto o fervor religioso. Subião as escadas do paço para do-

minarem de lá, ou os degrãos do pulpito para troarem do alto contra o partido opposto ao seu.

Emquanto a côrte consumia o seu tempo, como diz o historiador Soriano, nas festas, espectaculos, aventuras e commercios amorosos; enquanto os cortezãos da época acompanhavão o rei dissipador e lascivo á pesca, caça e a passatempos licitos e illicitos, provocando-lhe as paixões, fazendo-lhe os desejos e satisfazendo-lh'os, e muitas vezes irritando-lhes, reinava no clero a immoralidade; o patriarchado absorvia rendimentos collossaes, os jesuitas dominavão por toda a parte, no confissionario, nas escolas, e essa influencia era desfavoravel ao desenvolvimento das luzes e da civilisação.

No patriarchado havia conegos que não tinham ordens; repetião-se com frequencia inaudita os escandalos com as amasias.

Um capucho foge com a abbadessa do convento de Sant'Anna, chamada Lauriana, para a Hollanda (\*).

Um conego da patriarchal, irmão de um grande do reino, desaparece com uma mulher com quem vivia, depois de ter promettido a el-rei de se ordenar e de lhe ter pedido setê mil cruzados para esse fim (\*\*).

E entretanto recrudescião no reino dos reis *fidelissimos* os rigores da inquisição, e as labaredas das

(\*) Vide *Memoria do bispo de Paris*, pag. 83.

(\*\*) *Quadro elemental IV*. Int., pag. 268.

fogueiras do campo da Lã não cessavão de illuminar lugubrememente Lisboa !

Bandos capitaneados por fidalgos,taes como o duque de Cadaval, marquezes de Marialva e de Cascaes, conde de Aveiros e de Obidos, trazião a capital constantemente revolta, espancando as pacificas rondas dos qu adri-lheiros, que policiavão a cidade, travando brigas, de que resultava mortes, ferimentos e odios entre as familias nobres.

D. Francisco, o irmão do rei D. João V, era um dos mais bulhentos e de peiores instinctos, pois caçava marinheiros a tiro. !

Alli o proprio marquez de Pombal, na sua mocidade, foi um desses desordeiros, duelista atrevido, e chefe desses bandos que ensanguentavão as ruas durante o indolente reinado de D. João V.

Quaesquer que sejão os crimes praticados pelos jesuitas, não são elles de admirar, porque nesses tempos de obscurantismo e fanatismo os mais horrosos crimes se praticavão.

Simão de Vasconcellos, o chronista da companhia de Jesus, conta que, não sabendo o carrasco enforcar a um certo João Boles, herege, que abjurou aqui no Rio de Janeiro, o celebre padre Anchieta ensinou ao carrasco a maneira de executar a sua nefanda missão.

A sentença que condemnou em Paris um misero louco, chamado Amiens, que com um canivete de pennas chegou a fazer no rei Luiz XV uma *picadura*

de alfinete, mandou queimar a esse infeliz doudo a mão em um fogareiro, atenazarem-lhe as carnes e derramar-se-lhe nas chagas chumbo derretido.

Depois desses horrorosos preliminares foi atado à cauda de quatro cavallos, esquartejado e arrojado á fogueira l

Ouçã o leitor a narração da execução traçada por uma testemunha ocular, o esbirro chamado Bouton :

« Apoderárão-se do infeliz condemnado, ás 6 horas da manhã, passeiárão-n'õ de cerimonia em cerimonia, até que emfim ás 3 horas e meia chegou à praça de Grève.

« Entre esses preparativos houve a tortura dos borzequins, em que gastárão hora e meia. Só ás 4 e meia se despio para o supplicio. Segundo as prescripções da sentença, deceparão-lhe o punho, depois passou-se ao supplicio das tenazes.

« Depois da régã das feridas com chumbo derretido, o algoz amarrou-o com cordas que os cavallos devião puxar. Empregou-se nisso a fôrma que mais o fizesse soffrer.

« Os cavallos erã robustos; fizerão umas poucas de tentativas sem consequencia para arrancar os membros do condemnado. Furiosos os algozes blasphemavão.

« Damiens pedia-lhes que não praguejassem, pois estavam fazendo o seu officio, que lhes não queria mal por isso e que rezassem por elle a Deos.

« Estayão dous padres ao alcance da voz, e o padecente bradou-lhes : Dêm-me o beijo fraternal, meus senhores.

« Um dos padres, passando por baixo da corda de um dos cavallos, beijou o padecente.

« Os cavallos, aos quaes tinham forrado as pernas, nem assim tinham conseguido esquarterar o infeliz padecente.

« O algoz executor tirou a sua faca, e disse ao ajudante que o imitasse e cortarão os braços e pernas do condemnado.

« O tronco ainda respirava quando o arrojãrão á fogueira.

« O supplicio tinha durado nove quartos de hora.

« As janellas da praça de Grève tinham sido alugadas por elevado preço. A côrte e a cidade compareceu toda para assistir a tão feroz espectáculo. Opulentos e nobres, miseros pobres, deliciavão-se com esse espectáculo de cannibaes nessa época em que a sociedade franceza era uma affectação de sensibilidade.

« Nunca forão mais requintados, diz um escriptor, a polidez, a elegancia de maneiras e os costumes dessa sociedade. »

Os jesuitas, pois, seguião a onda do barbarismo.

Um desses braços de que se servia a inquisição foi escolhido para cobrir de luto uma das mais nobres familias de Portugal.



## V

### O marquez de Franzini

Shee stoops conquerer.

GOLDSMITH.

Os Medicis governavam Florença, a grande e antiga cidade capital da Toscana, como *Gonfalonieri*.

Os florentinos são naturalmente espirituosos, engraçados e polidos.

Florença ainda hoje conta grande numero de palacios, além de oitenta e nove conventos.

Em uma escura noite do mez de Novembro de 1738 um fidalgo florentino, disfarçado em camponez, seguia o caminho montuoso, que conduzia ás ruinas de *Fiesoli*, essa antiga cidade, situada a duas milhas de Florença, e da qual só resta hoje a cathedral gothica, a igreja de Santo Alexandre, alguns restos de muralhas e as ruinas de um antigo castello.

Apezar da escuridão internou-se elle por uma das portas do velho castello e desapareceu.

Esse fidalgo era o joven marquez de Franzini.

Vinha refugiar-se no velho edificio, onde o aguardavam alguns companheiros que fugião á perseguição dos Medicis.

O marquez era militar; mas apesar de ter prestado á sua patria relevantes serviços, tinha sido denunciado como conspirador e partidario dos jesuitas.

Depois de passar a noite no velho castello em companhia de mais oito companheiros, resolvêrão, á vista do perigo que corrião, refugiar-se cada um em um dos conventos da cidade.

O joven Franzini refugiou-se no convento de S. Domingos, onde depois de um anno professou.

De bella presença, o som da sua voz e o fogo do seu olhar impunhão respeito.

Era illustrado, mas ativo e arrogante.

Elle não era nem generoso, nem precisamente prodigo, mas via no dinheiro uma potencia.

Vio-se foragido, seus bens confiscados, seus brazões despedaçados pela mão do algoz.

Em suas sombrias meditações um raio de esperança veio illuminar as trévas de seu atroz viver.

Lembrou-se da companhia de Jesus, e escreveu ao geral de Roma, pedindo-lhe que o admittisse em seu gremio.

O geral, depois de minuciosas informações mandou-o buscar.

O frade dominicano um mez depois era apresentado ao rei dos jesuitas.

Viera elle com o nome de Fr. Pedro, que era o seu nome de baptismo. Trocou-o pelo de João.

Um dia que elle, depois de passar pelas provás competentes, tinha feito o segundo voto, estava só na igreja de S. Ignacio contemplando-lhe o altar enriquecido de marmores e pedras preciosas, altar sustentado por quatro columnas de lapis-lazzuli, quando um dos coadjuutores, chegando-se a elle, lhe disse em voz baixa.

— Recolhei-vos....

João obedeceu *incontinenti*.

Mal tinha fechado a porta da sua cella, quando batêrão de leve tres pancadas.

Ábrío elle a porta e entrou o *admoestador*. João crusou os braços e esperou.

O jesuita tirou da manga do habito um papel, mostrou-o a João, dizendo-lhe :

— Lêde.

— Tenho lido, disse este depois de alguns minutos.

O jesuita dobrou o papel, guardou-o, e, pondo sobre a pequena mesa uma bolsa cheia de moedas de ouro, entregou-lhe um anel de ferro.

Conservai este anel no dedo. Todas as portas se vos abrirãõ. Podeis partir amanhã.

João tinha empallidecido, e apenas balbuciou.

— Saberei obedecer.



## VI

### Instrucções

Fórmãs inertes e silenciosas...

LATINO COELHO.

No dia seguinte de manhã, antes do jesuita João partir para ir cumprir a missão de que estava encarregado, o coadjutor *Petrusi* deu-lhe o itinerario em cifras e retirou-se.

João pôz-se a caminho. Quarenta e oito horas depois batia elle á portaria do bello collegio da companhia em *Frascati*, a linda cidadezinha a treze milhas de Roma, edificada no mesmo lugar em que existia o antigo *Tusculano*, para onde Tarquinio se retirou, quando o expulsárão do throno.

Introduzido na cella do provincial, este, ao vêr-lhe o anel de ferro no dedo anular da mão esquerda, abriu um pequeno armario embutido na parede, e tirando delle uns papeis e duas miniaturas, mostrou-os ao padre João, sem dizer-lhe palavra. As miniaturas erão : uma de um homem de trinta a trinta

e cinco annos, de bella presença, a outra de uma moça loura, representando ter quando muito vinte dous annos.

Em um dos papeis estava desenhado com côres um escudo partido em aspa, com duas caldeiras jaquetadas de ouro e sangue em campo azul, e nos outros dous angulos, cinco arminhos negros em campo de prata. Ao lado do papel estava escripto em cifras : « Armas dos Gusmãos. »

No outro papel um escudo com as armas reaes de Castella, e no interior tres girões corados em campo de ouro, com orla de escaques da mesma côr, e cinco escudos das quinas das armas reaes de Portugal. Ao lado, tambem escripto em cifra as palavras, « Armas dos Girões. » — D. José Girão, duque de Ossuna.

Estes papeis e as miniaturas forão-lhe entregues, com a ordem de que os entregaria depois ao superior da casa de S. Roque em Lisboa.

— Agora podeis ir, lhe disse o provincial.

João recolheu-se á cella para descansar ; mas antes encontrou n'um dos corredores um padre, que lhe disse :

— Irmão, quero revelar-vos um segredo ; preciso desabafar minhas magoas e pedir-vos um conselho, pois desejo ausentar-me da Italia.

— Eu vos ouço, respondeu João.

## VII

Ecoutez l'étrange aventure.

ELIE BERTHET.

O jesuita, depois de breve pausa, assim fallou em voz baixa :

— Eu era um pobre orphão e pastor em S. Savin. Tinha apenas quatorze annos. O cardeal Albani me levára para a sua *Villa Albani*, aquella deliciosa habitação situada na eminencia, que domina o Tivoli e a Sabina, que, como deveis saber, é um dos mais ricos palacios de Roma.

Já havia quatro annos que eu alli vivia instruindo-me e estudando.

Vivia em relações de galanteio com uma dama nobre, cuja belleza me tinha subjugado.

Um dia, porém, na praça Navone, admirava eu a magnifica fonte, o obelisco que lhe está superposto, e as quatro estatuas collossaes que a ornão, representando os principaes rios do globo. Voltando os olhos, a poucos passos vi uma figura de mulher, cujo

aspecto fulminou-me ; porque a impressão foi subita, instantanea, e tal que eu nem sei como descrevê-la.

Cada vez que penso nesse prodigio renova-se em mim essa impressão.

Quando meus olhos se encontrãrão com os daquelle rosto angelico, a paixão ardente, que eu sentia pela dama com quem entretinha relações de galanteio, desapareceu.

Tudo o que posso dizer-vos é que, em menos de um instante, eu era um outro homem.

Parecia que minha alma queria romper este envolturo grosseiro e tenebroso, e que meu coração via-se pela primeira vez envolto em uma atmospherã serena e pura.

Mas . . . para que estou eu a querer descrever emoções que talvez não comprehendais ?

— Continúa, respondeu João.

— Uma velha, proseguio o jesuita, estava ao lado dessa mulher. Era o dragão ao pé da pomba ; Lia perto de Rachel.

A' primeira vista a moça pareceu-me hespanhola ; mas o typo de origem oriental alli estava em toda a sua pureza ; porém os traços de seu rosto não tinham esse ar quasi duro, que caracteriza o typo israelita.

Ella era o typo da belleza patriarchal.

Era uma sulamite sentada á margem do rio da Babilonia.



Rainha ou mendiga, christã ou pagã, eu a teria adorado sempre.

Eu sinto ainda um estremecimento geral quando me recordo della.

Desde o momento em que nossos olhares se trocãrão visível sympathia nos ligou.

Soube depois que por dever ella era judia, e por convicção christã.

Dias depois tive com ella uma entrevista em sua propria casa, onde fui recebido como um amigo, casa que frequentei sem que ninguem suspeitasse os sentimentos que nutriamos ambos.

— Mas, ah ! seus pais a tinhão entregue a um homem, como uma mercadoria. Ella se julgou feliz sendo amada por mim. Seu marido era um judeu, usurario, contrabandista, mettido sempre em toda a sorte de intrigas e industrias, protegido por uma multidão de falsos personagens, que o protegião, porque erão seus devedores.

Pouco tempo depois o céu desmoronou-se sobre nossas cabeças, ou antes o inferno abriu-se a nossos pés.

Uma noite, seu marido estava ausente, deixei-a em companhia da velha ás 11 horas.

A' meia-noite alguns homens mascarados, arrombão-lhe a porta, arrancão-a de seu leito e a levão comsigo.

Espalhou-se a noticia do attentado em Roma.

Corri como um louco a informar-me do fatal rapto.

Na manhã seguinte, proseguio o jesuita enxugando

uma lagrima furtiva, o cadaver da linda judia appareceu estrangulado em um dos immundos beccos do bairro do *Gheto*, onde havia o esgoto que ia ter ao Tibre !

Homens e mulheres corrião de uma casa á outra, gritando, gesticulando, como se um flagello os ameaçasse.

Algumas mulheres arrancavão os cabellos.

Segui a multidão; quando cheguei perto do cadaver daquella por quem eu tivera dado a existencia fiquei alguns instantes immovel, semelhante a um homem a quem a cabeça de Medusa convertesse em estatua.

Eu não via nem ouvia nada.

Parecia que a terra me fugia debaixo dos pés, e que o firmamento se desprendia no espaço.

Um esbirro de policia, notando a impressão profunda que me causava esse funebre espectáculo, levou-me até a porta do *Gheto*. Um franciscano do convento da Trindade, que me conheceu, vendo a alteração de meus traços, levou-me consigo.

A policia entendeu que todas as suspeitas devião cahir sobre mim !

Para cumulo de desgraça fui preso.

Ja ser submettido a cruceis torturas, quando a dama, com quem eu entretinha relações de galanteio, obteve a muito custo que eu fugisse.

Perdendo a mulher que idolatrava, perdi a protecção do homem que fôra para mim um pai.

Deixei a Italia e dirigi-me para a Bretanha, meu paiz.

## VIII

Passarão-se annos ; que eu sentia-me alquebrado, frio, gelado, um espectro do que fôra.

Durante esses seis annos passei uma vida miseravel. Fui conductor, postilhão e até criado. Mudei de nome, e engajei-me de criado de um rico inglez, que viajava para divertir-se.

O inglez tinha de vir á Roma.

Ninguem seria capaz de reconhecer-me.

Acompanhei-o.

O meu patrão, excentrico como quasi todos os seus compatriotas, tinha a mania de comprar quadros.

Em Roma comprou elle uma porção em um leilão, e entre elles uma miniatura de mulher.

Collocou-a sobre uma mesa, e contemplava a graciosa miniatura, como um conhecedor, quando por acaso, indo eu dar-lhe um côpo com agua, reparei na miniatura.

O côpo cahio-me da mão; fiquei como que petrificado.

— Estouvado ! me disse o inglez.

Não lhe respondi : meus olhos estavam fixos na

mysteriosa miniatura. O triste destino do modelo dava um encanto indefinivel a essa imagem, que me apparecia agora como que cingindo a aureola do martyrio.

Eu contemplava aquelles bellos olhos, e minha alma delirava ; aquelles labios purpurinos, que parecião querer revelar-me tudo.

— O que tem, disse-me o inglez contemplando-me, tu soffres ! Falla : por acaso, continuou elle com amavel sorriso, este retrato te desperta alguma saudade, alguma reminiscencia ? Explica-te.

— Eu perco a cabeça lhe respondi. Por tudo o que ha de santo sobre a terra, senhor, diga-me : donde houve este retrato ?

— Ora ! comprei-o em um leilão de um judeu.

— O original d'este retrato, senhor, morreu estrangulado ha mais de oito annos, sem que ninguem podesse saber quem foi ou quem forão os assassinos.

— Como te enganas ! me disse o bom inglez. A policia romana não soube, ou fingio não saber, quem era o assassino. Um pobre moço, amante dessa judia, foi innocentemente accusado ; mas graças á influencia de uma mulher, fugio.

— E o senhor sabe quem era esse moço, conheceu-o ?

— Não ; mas conheci de vista a mulher que o salvou, a propria autora do assassinato da misera judia...

— Senhor, atalhei-o eu cahindo de joelhos a seus pés, o que me acaba de dizer é verdade ?

— Que loucura é essa tua ? Que interesse tens em semelhante historia ?

— Por piedade, disse-lhe eu com a cabeça em fogo, diga-me, tudo isso é verdade ?

Como se chamava essa mulher, como se chamava a judia ?

— A judia, respondeu-me o inglez, chamava-se em vida Esther. A mulher, que a mandou assassinar por ciumes, chama-se Therezina Monti.

— Onde está ella ? disse eu levantando-me desvairado. A surpresa do inglez crescia.

— Silencio ! E' preciso que me digas tudo o que escondes no abysmo da consciencia. Serás tu acaso algum dos assassinos da infeliz judia ?

Falla ; eu não sou teu juiz ; fornecer-te-hei meios de fugir á acção da justiça, já que não pôdes fugir á dos remorsos.

— Eu, senhor ? eu o assassino desse anjo !

Quer saber quem sou ? Eu fui o amante dessa mulher formosa, e perdendo-a soffri a maior das torturas, sendo accusado de seu assassino. Fui eu a quem Therezina Monti amou tambem, a quem deu fuga. Ella a autora do assassinato ! . .

Eu era innocente, vou ser criminoso. Nunca manchei minhas mãos de sangue humano ; vou fazel-o agora, e é no sangue dessa mulher perversa.

— Cala-te, louco ; a justiça divina já se encarregou de punil-a...

— Como assim ?

— Therezina já não existe. Foi estrangulada por um amante.

— Justiça do céu ! Tu és tardia ás vezes ; mas não falhas ; féres com as mesmas armas com que ferimos. João deu um suspiro.

— Estaes cansado, irmão ? perguntou o narrador.

— Continuai irmão.

O inglez desde esse dia tratou-me como a um amigo, fez-me presente da miniatura e nos separamos. Nunca mais o vi, pois partira para a India.

— O que fizeste da miniatura ? perguntou João.

— Trago-a unida ao coração : eil-a, disse o jesuita tirando-a de um saquinho de camursa, que trazia pendente do pescoço por baixo do habito. Rendo um culto idolatra a esta reliquia.

— E deves te considerar feliz, porque outros nem essa consolação têm.

— Entrei para a ordem e aqui estou ao abrigo da perseguição, mas não das reminiscencias.

Tudo vos revelei ; se algum dia poderes protege ao irmão fiel.

Separarão-se: já o gallo tinha cantado a primeira vez.

Qual era a missão de João ?

Vamos dizêl-o.

## IX

### **As victimas da Inquisição**

Oh ! mon Dieu ! que d'horreurs,  
de meurtres, d'abominations, d'in-  
justices, de perfidies, que de crimes  
particuliers, j'y ai vù commettre.

LETRE DE L'ABBE GARNIER.

O duque de Ossuna, D. Girão, que em 1741 casara com a filha de D. Manoel Affonso, decimo segundo duque de Medina Sidonia, e de sua mulher D. Maria Sinforosa de Gusmão e Guevara, filha de Ramiro Nunes de Gusmão, primeiro duque de Medina de las Torres : era um fidalgo de grande linhagem, liberal ; não só não agradava à inquisição, como à companhia de Jesus, e convinha-lhes a sua fortuna.

O grande valimento que tinha na cõrte, e as attenções para com a sua joven e formosa esposa D. Maria de Gusmão, que era descendente de uma das mais illustres e estendidas familias de Hespanha e Portugal, descendente de D. Pedro Rodrigues de Gusmão Nunes e Aguilar, mordomo de el-rei D. Affonso VIII

de Castella, fidalgo que tinha morrido na batalha de Alarcão em 1195, e que era quarto neto por baronia de D. Rodrigo Nunes de Gusmão, e por consequencia descendente da rainha de Portugal D. Luiza de Gusmão, esposa de D. João IV, fazia com que os inquisidores se não atrevessem a ir-lhe á mão.

Chegando ao conhecimento da casa central de Roma, resolveu-se a morte do duque de Ossuna, sendo escolhido para isso o padre João, outr'ora marquez de Franzini, como elle proprio o revelou muitos annos depois por documento escripto por seu proprio puñho.



## X

Deixemos o padre João, visivelmente impressionado pela narrativa do jesuita bretão, proseguir a sua viagem até Lisboa; ainda mais impressionado pela belleza que lhe revelára a miniatura de Maria de Gusmão, a esposa do infeliz sobre que ia cahir o braço invisível da companhia, e vejamos onde a esse tempo estavam aquelles que ião ser immolados.

Não é de admirar que o retrato de Maria de Gusmão impressionasse o gentil marquez, que se escondia com o habito do jesuita.

O effeito que á primeira vista produz uma mulher formosa sobre um espirito, ao qual a educação do gosto deu uma percepção exacta e prompta da belleza, é sorprendente.

Quer se trate de uma obra de arte, de uma scena da natureza ou de uma figura humana, a belleza nos gera um secreto prazer, como um raio subito de luz : é um prazer que eleva a alma.

A influencia immediata da belleza é toda espiritual.

A primeira vista (nós submettemos a exactidão da

nossa asserção ao juizo dos que sabem observar) da belleza perfeita repelle e comprime os instinctos grosseiros da natureza humana, que alterarião a pureza de nossa admiração.

Ha sempre alguma cousa vulgar na belleza, que excita a sensualidade do homem.

O amor em si tem alguma cousa desse respeito, que inspirão, como diz um antigo poeta, os encantos da virtude, se nós a podessemos vêr com os proprios olhos.

A dedicação puramente humana começa quando o habito dissipa essa primeira impressão.

Foi o que aconteceu ao padre João ao contemplar o retrato da linda portugueza.

E vós, leitores, se quereis formar uma idéa, ainda que vaga, da fôrma que revestio essa alma immaterial, hoje livre dos laços do corpo, concebei pelo pensamento a graça a mais seductora em uma das mais bellas fôrmas da mulher mimosa, e tereis o retrato da infeliz Maria de Gusmão, que inspirou ao executor de seu marido a mais violenta paixão.

## XI

### **O duque e a duqueza de Ossuna**

Ambos florentes cetates...

VIRGILIO.

Como a familia dos Gusmões era parenta dos condes e duques de Barcellos, pois D. João II, filho de D. Theodosio II, e neto de D. João I e da duqueza D. Catharina, nascida em Villa Viçosa em Março de 1604, foi casado com D. Luiza de Gusmão, filha do duque de Medina Sydonia, que foi terceiro duque de Barcellos; tinha o duque e a duqueza de Ossuna, D. José Girão, e Maria de Gusmão, o costume de irem passar algum tempo no palacio dos condes e duques de Barcellos, que ficava junto da ponte de Barcellos, uma das mais graciosas povoações de Portugal, á margem direita do rio Cavado ; palacio que principiava n'uma forte e formosissima torre, toda de cantaria, e altura notavel com communição para a collegiada por um passadiço que já não existe, mas do qual ainda se observão vestigios na cachorrada de pedra existente

e embutida no exterior da torre dos sinos da collegiada do lado do sul, e na pequena porta que existe na mesma linha e lado para cima do telhado.

Havia por baixo da torre desse palacio tres portas de arcaria, uma virada á ponte e lado do sul, que dava entrada da ponte ao fundo da torre, e outra virada ao nascente, dando sahida para a rua das Flôres e Pelames, e outra virada ao poente, dando para a rua do Terreiro.

Dentro do fundo da torre, fronteiro á ponte e encostado ao alicerce do palacio, havia um tanque de pedra, chamado de Santa Monica, porque no cimo da bica tinha gravada na pedra a imagem dessa santa.

Sobre a porta virada ao poente ainda lá estava a estatua de Barcellos em pé, de fina pedra, no formato de um S. Jorge, que em 1730 ou 1733 alli foi collocada por conta de el-rei D. João V, onde estava gravada em pedra uma inscripção latina, *consagrada d immortalidade que D. João IV, com as suas côrtes geraes, prometteu em publico d Immaculada Conceição de Maria, etc.*, em 1646.

Esse palacio tinha sido mandado edificar por D. Affonso, nono conde de Barcellos, que nelle viveu, bem como seu filho D. Fernando, sendo seu inspector Tristão Gomes Pinheiro, honrado fidalgo da Galiza, que era senhor do solar dos Pinheiros.

Hoje, ainda apezar de suas ruinas, avulta e campêa o feudal castello das soberbas de outr'ora, com suas

altas paredes denegridas por mais de quatro seculos, sobranceiras ao rio e á ponte.

Nas escuras paredes, como diz um poeta, já não estão como d'antes pendurados, elmos, lanças nem férreas armaduras. Já não se ouve o tinir dos acicates nem o rir os folgares de ledas dansas.

Nos seus salões, onde hoje a solidão, a paz da campa, substituirão o fausto e o brilho, estava então o duque e a duqueza de Ossuna em um sarão.

De ambos os lados da porta do palacio dos condes de Barcellos, isto é, da porta virada ao poente, ou ao lado do sul, se estendião em duas cortinas os muros que cercavão a então villa.

Além da torre do palacio estes muros tinham mais duas elevadas torres : uma quadrangular, de tres andares, coroada de pequenas ameias, que encobrem o telhado, e outra que se demolio.

Dentro desta ultima torre havia um altar dedicado a Nossa Senhora, onde se dizia missa, no qual nasceu um lirio junto do Crucifixo, e por isso era chamada a torre do *Senhor do Lirio*.

Maria de Gusmão no dia seguinte ao do sarão, estando com seu marido e outros fidalgos á janella, ficou por alguns momentos a contemplar a casa solar de Tristão Gomes Pinheiro, edificio de feia e irregular architectura, todo de cantaria grosseira e denegrida, com duas torres quadrangulares de tres andares e al-

gumas janellas em ogiva, edificio coevo ao palacio dos condes de Barcellos.

— Em que está pensando, senhora ? perguntou-lhe o marido.

— Estou pensando na historia do *Barbadão*.

— Qual é a historia do *barbadão* ? perguntou uma dama das que estavam ao lado della.

— E' uma tradição, Exma., relativa a uma cara com grandes barbas, e umas mãos puxando por ellas, gravada em pedra no cimo da torre do solar dos Pinheiros, e que está virada ao sul, logo por baixo da cornija do telhado, e virada aqui para o palacio.

— Que significação terá isso, perguntou Maria de Gusmão.

## XII

### Historia do Barbadão

Telle est la vieille histoire.

AUTREN.

— Dizem, respondeu o marido, que Tristão Gomes Pinheiro, enraivecido contra o duque D. Affonso, por lhe ter elle embargado a obra de sua casa, e não deixal-o altear mais as torres para lhe não devassar os paços a fizera alli gravar. Dizem outros que a tal cara a que chamam *barbadão*, é Tristão G. Pinheiro, protestando vingança contra um cavalheiro dos paços do duque, ou contra o mesmo duque, que manchára a fé de sua filha.

— Coitadinha, disse a dama ; quem sabe se em torno ella alli divaga, recordando antiga chamma !..

— Já della não tem lembrança; em profundo somno ella já descansa da cruel luta.

A conversação foi interrompida pela noticia de que alli estava um bando de ciganos hespanhoes, e que entre elles havia uma mulher que lia a *buena-dicha*.

— Que entrem, disserão as damas ; que entrem.



## XIII

### Os ciganos

De todos sei o condão,  
De todos direi a sina.  
Venha, venha a vossa mão.

A CIGANA.

Os ciganos invadirão o salão e formárão duas alas, saudando a todos.

— Quem é que lê a *buena-dicha*? perguntou D. Girão.

— Eu, senhor, disse uma moça morena, de cabellos negros, que trazia na mão um pandeiro.

— Aqui tens a minha mão, disse D. José Girão; dize-me tudo o que souberes.

A cigana travou da mão do duque, examinou-a attentamente, depois contemplan-do o semblante leal e nobre do fidalgo, no qual se liam todos os sentimentos de um coração honesto e de um caracter decidido, ella lhe disse, hesitando :

— Senhor, eu tremo dizer-vos o que vejo.

— Dize o que for, não hesites, nada receies; quero saber tudo.

A cigana calou-se ; depois disse com voz tremula :  
— Fortuna, gloria, mocidade, ventura, és apenas um sonho. Um abutre negro tudo roubar-te-lia.

— E que mais ? disse o duque empallidecendo.

— Não sei mais nada.

— Ora, vamos a vêr o que ella dirá de mim, disse Maria de Gusmão estendendo a mão. A cigana, depois de examinar-lhe a mão, fitou seus negros olhos na formosa moça e lhe disse :

— Senhora, por quem é não queira saber o que eu vejo.

— Ordeno-te que o digas, replicou a moça.

— Pois bem, escutae. Nascestes n'um palacio, morreréis n'um carcere, onde não vereis nem mesmo o céu formar um tecto sob're vossa cabeça...

Apezar de serem acolhidas as predições da cigana com estrepitosas gargalhadas, Maria de Gusmão no dia seguinte tinha os olhos mais fundos nas orbitas, o que os fazia parecer maiores e mais ternos.

Seus traços tinham essa expressão de fadiga, que acompanha uma saude enfraquecida, ou succede a agitações moraes.

Ella tinha-se tornado pensativa.

Voltarão depois para Lisboa.

## XIV

### **Victima e algoz**

Seu rosto tinha a doce transparencia  
Das rosas do Japão.....

. . . . .  
. . . . .

Mixto de sombra e luz.

GONÇALVES CRESPO.

---

Que raladores pensamentos não  
serão os seus, quando desperto por  
longa noite de affrontosa vigilia, vol-  
vesse o espirito para o passado!

ALEXANDRE HERCULANO.

Estava Maria de Gusmão com seu marido no palacio de S. Christovão, que era o mais vasto palacio de Lisboa, pois occupava quasi todo o lado lêste da rua do Theouro Velho, toda a actual rua do Duque de Bragança, o lado lêste da rua do Picadeiro, todo o *hotel* de Bragança. Chamava-se *Paços de a par S. Christovão* por estar perto da igreja de S. Christovão.

Foi nesse palacio, hoje em ruinas, que se celebrarão as pomposas festas do casamento da infanta D. Leonor

filha de El-Rei D. Duarte com Frederico III, imperador da Allemanha, em 1451.

Maria de Gusmão sahira com algumas damas a ouvir missa na igreja do Carmo, e ao mesmo tempo mostrar a uma sua amiga o soberbo mausoleo de D. Nuno Alvares Pereira, o condestavel, mandado de França por sua neta a duqueza de Borgonha, o qual estava na capella-mór do lado do Evangelho.

Tinhão ouvido missa, e finda ella as damas chegarão-se para vêr o tumulo, que era de alabastro e do comprimento de doze palmos. Enquanto o padre explicava-lhes as primorosas esculpturas das quatro faces da caixa, representando as santas imagens que o condestavel trazia pintadas no seu pendão quando hia para a guerra,—figuras de anjos, e o brazão das armas dos Pereiras, Quando elle lhes mostrava os leões sobre que descansava a caixa, e ellas vião na tampa a estatua deitada de D. Nuno em vulto inteiro, vestida de habito de religioso do Carmo, que usára no convento empunhando na mão direita o bastão em que na velhice se apoiava, e segurando com a esquerda o livro das orações que costumava trazer sempre consigo, um gentil cavalheiro, todo vestido de preto examinava tambem a estatua de D. Nuno, que avultava em pé junto do tumulo, o qual tinha sete palmos de altura, vestida de armas brancas, com peito, manoplas, grévas espaldar, espada á cinta e uma grande massa na mão.

Quando Maria de Gusmão fitou os olhos nos do cavalheiro teve um ligeiro estremeamento.

Este abaixou os olhos; disfarçando, fingio lêr o epitaphio do grande homem.

Os sabios calculão, que setecentos milhões de milhões de vibrações penetrão no olho, antes que elle possa distinguir a côr da violeta.

Que philosopho conseguirá calcular as vibrações do coração antes que elle possa distinguir as côres do amor?

Mal sabia a incauta moça que esse gentil cavalheiro era o jesuita, que havia roubar-lhe a vida do esposo !...







O JESUITA



## XV

### ● Jesuita

Un fin renard.

O ex-marquez de Franzini, convertido em padre jesuita, tinha uma bella presença.

Educado como fidalgo florentino, e na côrte, tinha maneiras polidas e um certo cunho de distincção. O seu sorriso, porém, era quasi sempre ironico.

Nessa época as sciencias tinham dado passos gigantescos, e a litteratura se preparava a mudar a face da Europa; mas a arte de viver e governar estava sem grandeza, e entregue á corrupção.

Era a época do luxo das côrtes. A França dava o tom. A grande occupação era o escandalo.

O marquez tinha estado na França e na Saxonia, onde um jesuita era o confessor de Augusto o Forte.

Era intimo amigo do conde Bruhl, depois famoso ministro de Augusto III, segundo rei saxonio da Polonia, o qual, pelo seu luxo e grandes despezas, che-

gou a eclipsar os Richelieu, os Fouquets e os Colonas.

O marquez, tendo tudo perdido desde que se refugiara na companhia de Jesus, o seu unico desejo, as suas aspirações erão o generalato da ordem.

A faculdade de observação, elle a possuia em alto grão.

Seus olhos erão vivos, e elle notava as menores cousas, mesmo entre numerosa companhia.

Elle adivinhava facilmente os pensamentos alheios, tinha muito bom senso, e raras vezes se enganava nas suas apreciações, formadas sobre as primeiras circumstancias que vinhão ao seu conhecimento.

Na conversação exprimia-se com elegancia.

Começava ás vezes por questões differentes do fim a que queria chégar, delle se approximava insensivelmente, e quando a elle chegava passava sem affectação para outro assumpto, deixando o seu interlocutor na obscuridade.

Podia conceber projectos, pesar as razões pró e contra, e emprehender a execução delles.

Era cuidadoso, perseverante, e sabia tudo prever e nada negligenciar

Eis porque fôra escolhido para a execução do projecto homicida.

*Tornou-se necessaria a morte* do duque de Ossuna aos interesses da companhia, e elle fôra o escolhido para a ardua missão.

O marquez de Franzini, ou antes o jesuita, depois que vio Maria de Gusmão, viveu por algum tempo entre duas idéas que lhe envenenavão a existencia.

Devia cumprir o cruel mandato da ordem sob pena, de talvez perder a vida.

Devia a todo transe possuir a formosa moça.

Até então ninguem tinba podido resistir á fascinação de suas maneiras.

O jesuita concebia na mente mil projectos; desprezava-os depois para conceber novos.

Foi esta a razão por que a execução se demorou por algum tempo.



## XVI

Mysterio e trevas !....

. . .

Os jesuitas e os inquisidores sabião envolver nas trévas do mysterio todos os seus crimes ; e se hoje, passado mais de um seculo, pela revelação do executor, sabemos do fim prematuro do duque de Ossuna, ignorando ainda qual a razão que, *tornou necessaria a sua morte*, talvez possamos descobri-lo, como se descobrirão os documentos que revelão as verdadeiras razões da prisão e morte de D. Carlos, filho de Felippe II de Hespanha, e do singular processo, julgado pelo tribunal secreto, bem como dos louvores do papa Pio V, o papa da inquisição, approvando o procedimento do barbaro pai.

Voltemos ao assumpto.

O jesuita, depois de conceber e regeitar mil projectos inexequiveis, declarou ao geral da casa de S. Roque, que precisava ser apresentado ao duque e duqueza de Ossuna a bem dos interesses da ordem.

O seu desejo foi cumprido dois dias depois.

O jesuita planejára apresentar-se como secular, na qualidade de fidalgo, com o titulo de marquez de Sarrasin.

Os jesuitas em Lisboa, como por toda a parte, tinham amigos dedicados, e o jesuita, que a ninguem se dera a conhecer em Lisboa, foi por um nobre apresentado ao duque e duqueza de Ossuna.

Quando os olhos de Maria de Gusmão se fitarão nos do pretendido marquez de Sarrasin, com um sentimento de ardente curiosidade, parecião dirigir-lhe esta pergunta, que seus labios não ousarão fazer :

— Não sois o cavalheiro que encontrei na igreja do Carmo ?

Trocados os primeiros cumprimentos, o duque, que era muito folgasão, perguntou ao marquez :

— Então V. Ex. é o dono do celebre palacio Sarrasin da *Piazza d'el Duomo*, em Florença ?

— Para servir a V. Ex.

— Meu caro amigo, já ouvi dizer que n'esse palacio, permitta-me a indiscripção, quando os donos estão d'elle ausentes, o diabo dá nelle bailes...

— Essa é a tradição constante no meu paiz ; entretanto eu bem quizera ter verificado com os meus proprios olhos.

— Não diga isso, senhor ; póde estar por aqui algum jesuita ou familiar do santo officio.

— E' gente que eu detesto ; mas não temo debaixo do tecto de V. Ex.

— Obrigado, senhor ; eu sou um livre pensador, e da sua opinião.

Diga-me, caro marquez, o poder espiritual ainda domina na sua patria como aqui ?

— Ainda, Sr. duque, e com quanto a liberdade individual proteste, collectivamente o vão soffrendo, como diz Montaigne, esse espirituoso escriptor-francez.

— Ha de chegar o dia da quéda.

— E quem não cahe neste mundo ? Eu mesmo já cahi, pois estou exilado por ser livre pensador.

— Então tenha cautela, porque aqui é perigoso externar opiniões como a nossa.

Mudemos de assumpto : a Sra. duqueza está afflicta por ouvir a historia do seu palacio. O marquez olhou para Maria de Gusmão, como que perguntando-lhe se devia satisfazel-a.

— Se nos faz esse favor, respondeu ella com um sorriso ; sorriso que para elle foi como um raio de sol, que lhe dissipou os sombrios pezares.

— Vou satisfazel-a, Exma.





## XVII

### ● palacio Sarrazin

Ne cui vestrum sit mirum.

HEAUTONTIMORUMENON.

— Permittão-me VV. EEx. que, antes de eu principiar a historia do meu velho palacio, disse o marquez, eu diga como Hamleto a Horacio: « Ha mais cousas no céo e na terra, que a philosophia não pôde imaginar.»

E' tradição constante em Florença que um joven musico se entregou a uma vida dissipada e irregular, só frequentando as tavernas em más companhias, dissipando quanto ganhava, e com falsas promessas de arrependimento pedindo á pobre mãe dinheiro. Voltando uma noite de uma orgia, e contando achar recursos na bolsa materna, esta abriu a gaveta e mostrou-lhe que nada mais restava. O extravagante musico enraivecido pegou na sua rabeça e sahio jurando que precisava de dinheiro custasse o que custasse, ainda que tivesse de tocar para o diabo.

Alta ia a noite . . . todas as portas estavam fechadas. Não havia viva alma nas ruas.

Andou elle de rua em rua até que parou na praça *del Duomo*, que a lua inundava de luz, excepto o lugar da calçada em que o palacio Sarrazin projectava sua sombra solemne.

Sombrios e mudos estavam todos os outros edificios. Repentinamente as janellas do velho palacio se illuminarão, como se houvesse grande festa nas suas desertas galerias.

O musico pôz-se a olhar para a grande porta da entrada, e viu sahir da penumbra um cavalheiro desconhecido, envolto n'um manto de veludo e com chapéu desabado

O musico ia afastar-se para deixal-o passar, quando o desconhecido lhe disse :

— Onde vais a taes deshoras com essa rabeca ?

— Senhor, confesso-vos por todos os santos que desejava ganhar alguns florins de que careço.

— Comprehendo, não tocas de graça.

— Eu não sou rico. . .

— Meu bravo, eu não duvido, e não vou emprestar-te dinheiro, mas dou-te a ganhar.

— Seria uma grande felicidade.

— Quanto esperas ganhar ?

— Vinte florins, senhor.

— Dou-te quarenta.

— Estou ás vossas ordens, senhor

Immediatamente transpuzerão ambos o vestibulo do palacio, e pareceu ao musico que as portas se abrião

por si mesmo. No salão o desconhecido disse ao musico que esperasse um pouco. Este, curioso como era, tratou de examinar o lugar em que estava. Era um salão esplendido, mas fazia nelle grande calor.

O musico levantou o reposteiro, passou para outra sala, mais magnifica ainda. Pareceu-lhe ser um grande dormitorio, com muitas alcovas mobiliadas com leitos de columnas de bronze, cortinas e colchas vermelhas.

Nas pontas dos pés, cautelosamente, tratou de examinar os leitos.

Ouvio sahir de uma alcova, depois de outra, e depois de todas, uns gemidos plangentes.

Julgou que estava em algum hospital.

— Comprehendo, disse elle, quer o medico cural-os com musica. O que eu não approvo é este calor de estufa ; mas, emfim, a medicina ora usa de ferro, ora de fogo. Faz aqui mais calor do que no salão, pois já o sinto até nos pés.

*Per Bacho !* as solas dos meus sapatos já estão quentes como uma brasa.

— Jesus ! disse Maria de Gusmão.

— Era o diabo ? perguntou o duque.

— Cruzes ! replicou a esposa.

— Não se assuste, Exma., respondeu o marquez.

O musico queria voltar, continou elle, mas abrindo as cortinas de um dos leitos conheceu um amigo seu que tinha morrido afogado no *Arno*, havia um anno.

— E's tu, malandro ? Como diabo, *Pepo*, vieste parar aqui no palacio Sarrazin ?

— Pois tu tambem morreste e vieste para o inferno ?

— Eu morrer ! Ora essa é boa, não sabes o que dizes. O outro deu um profundo suspiro.

— Consola-te, amigo, disse o musico, eu não sabia que este palacio em ruinas era um hospicio.

— Hospicio dizes tu ? Este é o palacio do diabo.

O musico deu um pulo para traz ; depois, pensando que o doente era algum louco, disse-lhe : « Socéga, amigo, estás com febre ; este dormitorio é magnifico, só tem um defeito : é ser muito quente.

— Mette a tua mão aqui debaixo da coberta amigo.

O musico metteu a mão e tirou-a logo.

— *Per Dio Santo !* isto não é calor, é fogo.

— Se aqui vieste tocar rabeca para fazer dansar os diabos, cumpre a tua promessa ; mas não recibes senão o que ajustaste.

— Porque ?

— Porque se elle te offerecer mais, o tu metteres a mão na sua caixa, deixas nella tua alma.

Apenas o outro acabou de dizer estas palavras, que o desconhecido o chamou. Passou elle por varias salas esplendidas, e chegou a um vasto salão cheio de homens e mulheres.

As physionomias tristes contrastavão com a elegancia e riqueza dos vestuarios.

Installarão-n'o sobre um estrado, onde refrescou os pés, e a um signal começou a tocar e os dansantes a dansarem.

— Mais depressa ! mais depressa ! gritava o mestre de ceremonias. Depressa ! depressa !

Era um turbilhão vivo.

Cahirão todos, homens e mulheres, offegando, e como que insensíveis, no chão.

— Agora, disse o desconhecido, eu pago bem a quem me serve. Toma, enche os bolsos.

— Dê-me V. S. mesmo o que ajustei.

— Toma, não faças cerimonia ; ainda fica muito.

— Muito obrigado.

E o musico, cedendo á ambição, ia metter a mão, quando sentio um ligeiro ardor.

O desconhecido pegou n'um punhado de ouro, e disse-lhe :

— Toma e põe-te ao fresco.

Ao mesmo tempo applicou-lhe um pontapé, que o atirou fôra do vestibulo.

Eis-aqui a historia do velho palacio.

— E V. Ex. habitou nelle alguma vez ? perguntou o duque.

— Nunca, senhor ; visitava-o raras vezes. Foi-me confiscado.

A conversa foi interrompida pela chegada de uma visita.



## XVIII

O marquez, depois de conversar com o dono da casa sobre os monumentos de Lisboa, despedio-se, promettendo vir importunal-o de quando em vez.

— Estas portas estão sempre abertas para V. Ex. Disponha de mim.

— Obrigadissimo.

O marquez sahio.

Durante a sua narração tinha elle observado que Maria de Gusmão tinha um forte escudo—a pureza ineffavel, que a garantia contra o que a alta sociedade chama *tentações*; e que ella fecharia os ouvidos ás frivolas propostas dos seductores, como « *sob a vaga humida, fria e transparente Sabina fechava os seus aos companheiros de Comus.* »

A moça tinha uma alma angelica; ao lado della a caridade não marchava só, mas com as duas irmãs gêmeas: a esperança e a fé.

O jesuita precisava mudar de tatica.

Foi o que elle reconsiderou.

O jesuita conservava ainda os brios de cavalheiro, e por isso sua alma lutava entre o dever de cumprir

a sentença fatal da ordem, e o desejo de não trahir a mais cordial hospitalidade.

Quando elle pensava na maneira por que havia de ferir aquelle cavalheiro tão leal, como era o duque de Ossuna, a sua emoção, como elle o diz, era maior do que a do homem que penetra n'um desses edificios da idade média, onde nem uma alma viva penetrou a centenas de annos.

E elle ficava horas inteiras absorto em meditações. Parecia que um poder invisivel o retinha.

Esse inteiro esquecimento de si mesmo, esse estado de insensibilidade completa, que sobrevinha após as longas meditações do jesuita, não era um desfallecimento, porque elle não cahia, mas ficava mudo e quedo sem poder sequer articular uma palavra !

Se tal facto se podesse realizar, diriamos que era uma separação momentanea da alma e do corpo, menos a morte.

Dai a este estado o nome que quizerdes—extase ou catalepsia.

O jesuita ás vezes ficava em pé, recostado á janella da cella, privado de todas as suas faculdades, morto, até que o sol se escondesse no occaso, e quando elle abria os olhos a imagem de **Maria de Gusmão** alli estava diante d'elle, como que implorando a sua misericordia.

Depois, á noite, quando tudo era silencio, que agônias sentia elle ! Que espantosas visões lhe povoavão o somno agitado !



Já se tinham passado dous mezes que o jesuita estava em Lisboa, quando recebeu de Roma uma missiva escripta em cifra, e que dizia o seguinte:

« Cumprio-se? Se ainda não cumprio abrevie, e siga para os dominios do Brasil a visital-os, devendo aguardar novas ordens no Rio de Janeiro. »

Os olhos do jesuita brilhárão e se dilatárão, sua voz tornou-se quasi lugubre, quando elle disse ao mensageiro :

— Podeis ir para quem vos mandou. Dizei que dentro em quinze dias estará concluida a obra.

Tinha ficado só.

— Que devo fazer? disse elle consigo.

E pôz-se a passeiar pela cella. Parou, encostou-se á janella; evidentemente suas forças se aniquilavão e suas reflexões tornavão-se confusas.

— *Alea jacta est*, disse elle reanimando-se; tenho sangue frio e calma. Tenho certeza que executarei a ordem, mas... não hei de ser eu que hei de feril-o. O unico embaraço para executar a ordem é ella.

Depois abysmou-se de novo em reflexões, e disse levantando-se bruscamente :

— Minha resolução está tomada : obediencia cêga, depois... o destino é immutavel.

Vestio-se para ir ao palacio dos Ossunas.



## XIX

### **Novo plano**

*Cosa fatta, cæpo ha.*

MOSCA LAMBERTI.

Maria de Gusmão o recebeu com toda a amabilidade. Seu marido chegou ao salão minutos depois.

A pallidez do marquez de Sarrasin (o jesuita) trahia a sua emoção.

— Acho-o pallido, caro marquez, disse-lhe o duque : está incommodado ?

— Do espirito, caro duque ; tive um aviso de que a inquisição pretende estender sobre mim suas aguçadas garras. Não se contentarão em exilar-me, confiscarão-me tudo. Querem agora o meu sangue...

— Esse tribunal iniquo, que o nefando Felipe II considerava como um instrumento de policia, disse o duque, á força de crimes conseguiu dominar os fracos reis. Vinde homisiar-vos em nossa residencia ; aqui estareis seguro ; eu tenho valimento na côrte.

— Caro duque, respondeu o marquez eu bem quizera aceitar reconhecido o vosso generoso offercimento, mas receio comprometter-vos.

— Nada receieis, marquez. Mandarei apromptarvos um aposento independente, com duas a tres sahidas secretas, onde podereis divertir-vos lendo durante o dia. A' noite sahiremos disfarçados a dar nosso passeio. Eu desafio a esses cães que vos descubram.

O marquez hesitava.

— Venha, senhor; ao menos, disse Maria de Gusmão, fica-nos a consolação de ter cumprido um dever protegendo um fidalgo perseguido injustamente.

— Obedeço, senhora, e beijo respeitoso e agradecido vossas mãos e as do Sr. duque.

— Ora, ora! disse o duque, *noblesse oblige*. Creio que em idênticas circumstancias faria o mesmo por mim.

O marquez balbuciou algumas palavras apenas, tal era a sua emoção.

— Quando vem? perguntou o duque.

— Quando me ordenar, senhor.

— Pois venha amanhã, não perca tempo.

Elle retirou-se, promettendo vir no dia seguinte.

## XX

### **O lobo no redil**

Sub rosa.

\* \* \*

Estas paginas não vão ornadas de florões fantasticos, creados pela imaginação de um escriptor, que tem o que se chama—temperamento—, isto é, o que faz delle uma unidade integral, séria, original.

Assim como a consciencia da nossa individualidade é o signal da nossa immortalidade, tambem o temperamento individual, um e indivisivel, é o caracter proprio do escriptor. Dictou-as um espirito calmo, uma intelligencia lucida, no meio do turbilhão das paixões.

Muitas vezes o coração lhe eclipsou o espirito.

Do volumoso manuscrito do jesuita, por seu punho escripto, e por elle no capitulo denominado « *Res de amore meo*, » « Cousas do meu amor, » apenas vamos extrahindo e coordenando o que se refére á desditosa Maria de Gusmão.

Installado na habitação do duque de Ossuna o falso marquez de Sarrazin, tinha um commodo e rico aposento, com uma pequena avenida sombria, que dava para um pequeno parque todo plantado de verde relva e flôres.

Quando elle da janella do seu aposento avistava a duqueza a passeiar no parque, e descia a vir saudal-a, experimentava o que devia experimentar o famoso menestrel Ercildoun, quando obtinha o privilegio de penetrar a qualquer hora no paiz das fadas, murmurando as magicas palavras que lhe abrião as portas do Oberon.

O astuto Jesuita procurava por todos os modos ganhar a afeição de Maria de Gusmão.

A's vezes, passeiando a par um do outro, guardavão profundo silencio.

Outras vezes a moça voltava os olhos para não vêr os do jesuita fixos sobre ella.

Ria-se alegremente quando elle, sempre respeitoso, sempre cheio de attenções, lhe contava algum episodio extravagante de sua vida romanesca.

Elle empregava toda a sua eloquencia para convencer a moça de que devia viajar em companhia de seu marido, visto Lisboa se ter tornado um dos dominios do jesuitismo.

Uma tarde estava o falso marquez sentado só em um bance de pedra do pequeno parque, meio occulto por um bosquete de rosas e trepadeiras, absorto em seus pensares.

Maria de Gusmão ignorava que elle alli estivesse, e passeiava apenas seguida de uma menina, sua criada, ou antes sua protegida, de oito a dez annos.

Avistando o marquez, quiz voltar. Era tarde ; elle a tinha visto. Veio ao seu encontro.

— Não quero interromper o seu passeio, Sra. duqueza, eu me retiro.

— Ora, Sr. marquez, o senhor é de casa : acho-o hoje triste.

— E' porque nutro n'alma, senhora, disse elle á meia voz, uma dessas paixões secretas e sem esperanza.

Maria de Gusmão baixou os olhos ; comprehendeu que era talvez uma confissão e ficou muda.

O homem do mundo fixou sobre ella o seu olhar penetrante e disse-lhe :

— Devo deixar-vos, senhora ; fui um louco quando aceitei a vossa hospitalidade.

— Porque, Sr. marquez ?

— Porque, respondeu o jesuita com voz tremula, affectando dissimular sua pungente emoção, porque temo comprometter-vos, a vosso marido e a vós, a quem eu amo, como um irmão, um amigo.

Estas palavras tinham como que pregado a moça ao solo.

Tremula e confusa ella balbuciou :

— Mas nós podemos ir viajar juntos.

Um sorriso de triumpho deslisou-se pelos labios

do jesuita ; elle inclinou-se, beijou a mão da duqueza e disse-lhe :

— Se tal acontecer, senhora, eu vos deverei a vida e toda a ventura della.

A moça balbuciou algumas palavras ; sua confusão redobrou. Deu alguns passos para afastar-se.

O que sentia ella ? Seria piedade, remorso, amizade ?.

Era uma mysteriosa sympathia d'alma.

O jesuita tinha ficado absorto em suas meditações.

Pouco tempo depois retirou-se para o seu aposento.

O duque tinha pisado um pé, e por isso voltou cedo para casa.

Ao anoitecer mandou pedir ao marquez que viesse conversar um pouco.

O falso marquez não se fez rogar.

— Marquez, lhe disse D. José Girão, tendes viajado muito ; se não é impertinencia descrevei-nos alguns dos lugares mais apraziveis por onde andastes. Aborreço-me aqui em Lisboa, e tenho minhas tenções de ir viajar. Espero que sereis o nosso *ciceroni* e companheiro.

— Esse era o meu maior desejo, respondeu o jesuita. Não ha prazer maior do que viajar.

— Pois bem, comecemos a narração do que vistes ; serão os *noossos serões*.

— O paiz a que eu dou a preferencia, disse o jesuita, é a França. Principiemos por ella.



## XXI

### PRIMEIRO SESÃO

— A França, comô sabeis, é um dos mais bellos paizes da Europa.

Ha uma época no anno em que todos os que habitão Paris e pertencem a essa classe privilegiada da sociedade franceza, ou mesmo estrangeira, que só cuida em satisfazer os seus desejos e seguir a moda, foge da cidade.

Essa época é em Julho e Agosto, justamente no verão. Paris nessa época entretanto é mais fresco do que o campo.

Regado por bicas d'agua, sombreado por mais de sessenta mil casas, cujas penumbras são mais compactas do que as raras sombras de algumas arvores que guarnece as suas casas de campo, além das Tullerias com os seus bosques sombrios e frescos, a prodigiosa quantidade de flores, que brilhão, adornão e perfumão a risonha capital, em tal escala que até os namorados comprão na cidade flôres para offer-tal-as ás damas que passão o verão no campo.

Nada disto, porém, impede que essa gente siga a moda de ir para o campo no verão.

Nisto imitam os parisienses os russos...

— Mas estes no verão têm necessidade de ar, de liberdade, disse D. José Girão.

— A emigração dos russos para o campo continuou o falso Marquez, explica-se pelo pouco tempo de liberdade que gosão.

O verão na Russia é apenas um raio de sol entre duas nuvens.

O menor sopro basta para encobri-lo, e trazer os ventos frios, o gelo, as chuvas fecundas em decepções e tristezas.

— É bonita a Russia? perguntou Maria de Gusmão.

-- Nem por isso, Exma.; algumas cidades são bonitas, outras não. Quando estive em Paris tomei com o meu companheiro a diligencia de Chalons-sur Saône às 5 horas da tarde, para viajar. Na manhã seguinte chegamos á Joigny, e dahi seguimos para Burgo-en Bresse. Bresse fazia outr'ora parte da Gallia...

— Annexarão-a ao reino e depois ao ducado da Borgonha, disse D. José.

— O Sr. duque já vejo que é forte na historia.

— Ao contrario, sou muito esquecido, mas é o estudo que mais me apraz.

— Invasida pelos Sarracenos proseguiu o jesuita, possuida por senhores particulares passou para a casa de Saboya.

O tratado de 1601 a entregou a Henrique IV. Creio que não me tornarei massante se fôr prolixo na descrição dos lugares a que dei preferencia nas minhas viagens.

— Ao contrario, respondeu D. José, a sua narração torna-se mais interessante.

— Em um dia, continuou o jesuita, percorremos toda a cidade, que só tem de notavel o Bastião, o Quinconce e os dous unicos passeios. A igreja de Brou é um dos mais notaveis e bellos monumentos da idade média.

Foi começada em 1511, quatro annos antes de Francisco I subir ao throno.

Foi edificada em consequencia de uma promessa feita por Margarida de Borgonha.

— Quando o marido quebrou o braço em uma caçada, não foi? perguntou Maria de Gusmão.

— Como sabe V. Ex. disso?

— Ouvi uma vez o conde de Ericeira contar isso a el-rei.

— Essa princeza, Exma. era filha de Carlos I duque de Bourbon e d'Auvergne, e neta de João sem Medo por sua mãe Ignez de Borgonha. Casára com Felisberto, conde de Bresse, quinto filho de Luiz, duque de Saboya, ao qual succedeu mais tarde.

Felisberto, tendo ido á caça deu, uma quêda e quebrou um braço.

Este accidente pôz-lhe a vida em perigo, e sua es-

posa Margarida de Borgonha, fez então a promessa de edificar uma igreja em honra de S. Benedicto se elle escapasse são e salvo, além de um convento de religiosos da mesma ordem.

Chamava-se outr'ora essa igreja Nossa Senhora de Brou, sob a invocação de S. Nicoláu Tolentino.

— Como então diz V. Ex. que foi edificada em honra de S. Benedicto? Negociadas de Roma talvez, disse D. José Girão.

— Eu explico isso, respondeu o jesuita. O principe escapou, mas Margarida não pôde cumprir a promessa, porque morreu tres annos depois, em 1543, deixando a seu marido esse encargo.

— Olhe, senhor, disse D. José rindo, se morrer primeiro que eu, não me deixe encargos desses ; não quero dar o meu dinheiro para padres...

Maria de Gusmão rio-se. O jesuita nem pestanejou.

— Este principe, continuou elle, transmittio esse encargo a seu filho Felisberto, o Bello, que lhe succedeu, e prometteu da herança paterna tirar os fundos precisos para cumprimento do voto de seus pais. A morte, porém, de sua primeira mulher Yolanda Luiza de Saboya, e o seu segundo casamento com Margarida d'Áustria, não lhe derão tempo para occupar-se com o projecto do monumento.

— Boa duvida, objectou D. José Girão.

— Em uma caçada, tambem nas margens do Rho-

dano, indo almoçar perto de uma fonte, foi atacado de uma pleurizia, vindo della a fallecer quatro annos depois de suas segundas nupcias.

— Castigo do céu por não cumprir a promessa, disse a velha condessa de Villa Pouca, que vinha entrando.

— Respeito a sua crença, mas não creio nella, disse D. José Girão. Que diz, marquez?

— Eu tambem não creio.

— Tome assento, Sra. condessa, e ouça isto que é lindissimo. Continue, marquez, a Sra. condessa não é de cerimonia.

— Margarida d'Austria buscou uma consolação junto a Deos.

Tratou de cumprir a promessa que seu marido legára por sua vez.

Nada a deteve na execução, nem as difficuldades dos transportes de materiaes, nem a falta de operarios.

Mulher, soube triumphar de todos os obstaculos.

Tinha ella uma fê viva em S. Nicoláo Tolentino.

Pedio ao papa permissão para dedicar-lhe a igreja, em vez de a pôr, segundo a promessa de Margarida de Bourbon, sob a invocação de S. Benedicto.

Obtida a licença, a um quarto de legua de Burgo, na floresta de Brou, fez-se uma praça no lugar já celebre e venerado pelos fieis por ter sido o retiro de S. Geraldo, bispo de Macon, no decimo seculo.

Principiou sua obra.

Ainda hoje se ignora quem foi o architecto della.

Dizião uns ter sido Warboglen, o allemão ; outros, André Colomban, de Dijon.

Apezar das tradições, sabe-se que Miguel Colomban recebeu do mestre João de Paris a planta feita com o concurso de João de Lorraine.

Depois de Miguel Colombo, André Colomban e Felippe de Chartres, cita-se Conrad Aleyt, suiso, chefe dos esculptores de imagens, obras de talha e folhagens.

Pedro Terrasson de Burgo era o mestre dos carpinteiros.

— O que eu admiro é a sua memoria, disse Maria de Gusmão.

O jesuita agradeceu-lhe, e curvando-se disse :

— Que quer, senhora, quando se perdeu tudo estuda-se.

Quatrocentos artistas, continuou elle, idos da Allemanha, Italia e Flandres, forão empregados, sem contar a multidão de carpinteiros, serventes e canteiros.

Entretanto a igreja só no fim de vinte e cinco annos de trabalho é que se concluiu.

— Deve ser magnifica, disse o duque.

— Garanto, respondeu o jesuita, que entre as obras-primas ella tem o primeiro lugar.

A nave tem duzentos e dez palmos de comprimento.

Orientada segundo o uso do tempo, tem o altar ao nascente.

O sol no occaso doura-lhe o portico, que não tem ordem particular, mas compõe-se de um conjuncto de ornamentos gothicos e arabescos.

Tres frontaes formados em triangulo, o do meio mais elevado coroa o frontespicio.

Ahi estão as estatuas de S. Pedro, S. Paulo, Jesus Christo, Felisberto o Bello, Margarida d'Austria, seus patronos, e S. Nicolão Tolentino, cujo retrato se encontra em diversos lugares na igreja.

A torre está meio destruida. Cousa notavel, as brancas pedras com que a igreja foi construida conservão a sua primitiva brancura.

A nave parece quasi nova.

Não ha um só architecto que não ache admiravel a solida elegancia de toda essa construcção.

Artistas, curiosos, antiquarios e eruditos, alli podem passar horas inteiras a contemplar as bellezas do genio humano.

Em um dos pilares da tribuna via-se um coração em grande relevo, com as armas de Castello-Velho.

Dizem que outr'ora lia-se alli um epitaphio, que começava assim : *Aqui jaz o coração do alto e poderoso Claudio de Chalant.*

As palavras *alto e poderoso senhor* estão raspadas. Conta-se que Manoel, o *Cabeça de Ferro*, visitando a igreja, raspára aquellas palavras com a ponta do seu

punhal, dizendo: « Não conheço nos meus Estados outro alto e poderoso senhor senão eu. »

Um só dos monumentos que essa igreja encerra bastaria para tornal-a celebre.

São elles os tres tumulos de Margarida de Bourbon, de Felisberto e de Margarida d'Austria.

Amanhã, disse o jesuita, descreverei esses monumentos.

E depois da cêa retirou-se para o seu aposento.



## XXII

### SEGUNDO SERÃO

Na noite seguinte foi Maria de Gusmão quem pediu que continuasse na narração interrompida.

— Em que ponto ficámos? perguntou o jesuita.

— Na descripção dos tumulos.

— Bem, disse elle.

Chegarão duas visitas, a condessa e o physico-mór Manoel Antonio, que tambem querião ouvir a historia das viagens e as bellas descripções.

— O tumulo de Margarida de Bourbon, disse o jesuita, está collocado na parede mestra, coberto com uma arcada oblonga e cheia de milhares de ornatos. Um frontão em triangulo sustenta a arcada e as armas da princeza.

Duas especies de pyramides de alabastro a sustêm.

Entre seus lados, uma estatua de marmore de Carrara representa a princeza em grande gala, tendo aos pés uma linda galga sobre uma pedra de marmore negro; uma Santa Ignez, Santa Margarida e

Santo André, e uma Santa Catharina, de pé, a um lado do sarcophago.

Da outra, seis genios sustêm a pedra do epitaphio.

Por baixo da pedra de marmore negro, quatro carpideiras e cinco genios, de pé de altura, collocados sobre a base do todo. Na mesma linha, no meio do mesmo côro, entre sua mãï e sua esposa, repousa Felisberto o Bello, cujo monumento é um dos mais notaveis que se conhece.

Este tumulo, que apresenta quatro faces, tem alguma analogia com o de Luiz XI, que existe em S. Diniz.

Sobre a pedra superior vê-se a estatua de Felisberto, duque de Saboya, em vida, com a corôa, collar e espada, tendo a cabeça sobre um coxim e os pés sobre um leão.

Abaixo, no segundo plano, que é separado do primeiro por pilares, repousa elle morto, seus despojos gelados !

Esta ultima estatua, na qual se reconhece a physionomia da primeira já alterada pela morte, é admiravel.

A' antithese das duas estatuas tem uma profunda poesia, que faz esquecer os genios e outros ornatos do tumulo.

O de Margarida d'Austria, collocado do lado do côro, tem muita analogia com este ultimo. Compõe-se de uma pedra distanciada por columnas arqueadas,

e apresenta igualmente a antithese da vida e da morte.

A estatua da princeza, vestida de grande gala, no alto do sarcophago, e embaixo a mesma princeza amortalhada.

Encostado apenas á parede, apresenta este tumulo tres faces, e é superior em ornatos ao de Margarida de Bourbon.

Nessa igreja parece que cada trabalhador quiz, mesmo nas mais pequenas cousas, mostrar que era artista.

Ao sahir da igreja encontra-se o relógio do sol, elliptico ou *gnomon*, cujo grande eixo tem trinta e tres pés de comprimento, e o pequeno vinte e seis.

Não é do estylo de agulha. Para consultal-o basta que a gente se colloque no seu recinto, na linha meridiana, na letra do mez em que se está (\*).

Nada mais despertou a minha attenção.

Tomei um guia e atravessei quasi toda a Bretanha.

E meu guia me contava historias e anedoctas, que eu ouvia como uma musica longinqua.

Atravez de charnecas incultas chegámos a um fresco valle, a alguns passos da margem esquerda do rio Blavet.

Castanheiros, alamos gigantescos, precedem um dos mais graciosos edificios que tenho visto.

(\*) O celebre mathematico Lalande mandou á sua custa concertar este quadrante estregado pelo tempo.

— Esta é a capella do milagroso S. Nicodemo, me disse o meu guia rindo-se.

— Porque te ris? perguntei-lhe.

— Foi edificada em 1629 por D. Luiz, barão de Kernevot, reitor desta parochia; veja senhor: este edificio pertence ao estylo ogival de arcos diagonaes brilhantes do decimo sexto seculo.

Depois levou-me a vêr a fonte milagrosa.

A agua que della corre fórma um regato, onde pais e mãis vão lavar os filhos doentes.

Desse banho resulta uma crise violenta, que ou salva, ou mata as miseras crianças.

— Tanto pôde a superstição! murmurou D. José.

— Façamos ponto aqui. Amanhã reataremos a nossa historia.

O jesuita estava preocupado.

Tinha recebido uma carta de Roma, na qual, em caracteres symbolicos, se lhe perguntava porque razão não dava noticia do cumprimento de sua missão.

Ao recolher-se ao sen aposento, respondeu elle nos mesmos caracteres, nestes termos:

« Eu sou aquelle que estou com o anel de ferro em Lisboa.

« Não é tão facil como parece, porque o mais difficil é que não fique vestigio algum. »

Esta resposta foi entregue ao geral da casa de S. Roque, que fez partir um portador expressamente.

O jesuita, como elle proprio o confessou, estava agitadoissimo.

Essa recommendação de Roma o atormentava. Recuperou, porém, o seu sangue frio.

Na noite seguinte pretextou um ligeiro incommodo e não compareceu ao serão.

O que fazia? Ruminava na mente o plano homicida.



## XXIII

### TERCEIRO SERÃO

Na primeira noite, que compareceu, trazia elle um volumoso livro manuscrito sobraçado.

— Já sei que o serão hoje ha de ser esplendido, disse D. José Girão.

— Meu caro Sr. duque, a memoria póde faltar-me e recorrerrei a estas descripções de minha viagem toscamente escriptas ; demais, VV. EEx. veráõ pelos desenhos os lugares mais notaveis que percorri.

— Então grupemo-nos em torno desta mesa, disse o duque.

Maria de Gusmão ficou á direita do jesuita, o duque á esquerda; a condessa seguia a este, e o velho cirurgião.

— Onde ficámos outro dia ? perguntou o jesuita.

— Na Bretanha, respondeu Maria de Gusmão, o Sr. marquez finalisou na fonte milagrosa.

— Justamente, replicou o jesuita, abrindo o manuscrito, todo elle escripto em latim.

— De S. Nicodemo, continuou elle, fui a Baud vêr a celebre estatua de Venus de *Quinipily* ou *grouech kouard*, que quer dizer mulher de ferro.

Eis-aqui o seu desenho. E' assim chamada por causa da côr do granito de que é formada a grosseira estatua. E' uma impagavel curiosidade.

Dizem ser do tempo dos Vinetes.

Attribuem alguns aos mouros de guarnição na Armorica.

Outros dizem ser uma inscripção da Isis egypciaca.

O que é verdade, é que as inscripções latinas remontão ao tempo do consulado de Claudio, e de Lentulo.

— Por consequencia, disse D. José Girão, quarenta e nove annos antes de Jesus Christo.

— Exactamente, respondeu o jesuita.

Eu pisava o solo que fôra o theatro das antigas lutas dos gaulezes e romanos.

A cada passo achava vestigios de um campo de Cesar.

Foi alli que, ha dous mil annos os druidas tinhão sido massacrados nas suas florestas incendiadas.

Foi alli que se vendêrão os gaulezes, espetados nas lanças, *aos cem mil*, depois de lhes terem *cortado a mão* direita, com receio que elles empunhassem de novo as armas !

Hoje esse lugar é uma charneca inculta, que se estende a perder de vista como uma mortalha.



Parece a terra amaldiçoada dos senhores do mundo.

Apenas se encontra uma ou outra pobre cabana, habitada pela mais asquerosa miseria.

Velhos caducos, creanças idiotas, familias inteiras cheias de sarna, homens e mulheres, animaes, porcos e cães, comem e dormem todos juntos em montes de immundicies ! !

Viajei nesses pequenos cavallo bretões, que são infatigaveis.

O meu guia não cessava de contar-me historias, relativas ao paiz que percorriamos e que elle conhecia a palmos.

Fui vêr o tumulo do condestavel Oliverio de Clisson e de Margarida de Rohan, sua esposa.

Eil-o, disse o jesuita ; e mostrou aos circumstantes a fiel cópia desenhada no manuscrito. Este mausoléu foi erigido na igreja de Nossa Senhora do Espinheiro ou Silvado (\*) o algcz dos inglezes, como o chamavão quiz descer ao tumulo, como se tivesse de encontrar inimigos no outro mundo para matar ; por isso está armado com todas as peças da sua armadura menos o capacete.

— O talim ou boldrié de sua espada está meio frouxo para indicar que o cavalleiro morreu no seu leito, disse D. José de Girão.

(\*) Foi mutilado em 1793 pelos vandalos.

Se tivesse morrido no campo de batalha deveria levar a espada cingida, ou desembainhada na mão, respondeu o jesuita.

Margarida de Rohan está representada com a coifa e saia do 15° seculo, com que se parecem ainda os vestidos dos camponezes bretões. As duas estatuas parecem dormir, repousando as cabeças em travesseiros bordados, sombreados por dous docéis de riquissima esculptura.

Nove columnas gothicas-ogivas sustêm o entablamento do tumulo. No obice de cada ogiva expaudem-se dous ramos, sahindo um do outro, e esses ramos, de exquesito trabalho, encadeião-se e desenrolão-se em torno do mausoléo, como um maravilhoso panno de marmore.

Descrevemos um circulo ao longo dos limites do Morhiban, percorremos Vannes por Plouay, Baud, Granel-Champ. Visitamos essa massa de rochedos de perto de cem metros, do alto dos quaes a vista se perde em um valle vicejante de luxuriosa vegetação entrecortado pelas fragosas aguas do rio Ellé. Os écos desse valle *abrupto* são maravilhosos, quando o sino da capella de Santa Barbara os acorda de rochedo em rochedo, e se estende como um cantico sobre os campos adjacentes.

Mas no territorio de Faouet e de Gorin encontramos os mais pungentes espectaculos, muito mais pungentes que os de Pontivy. As choupanas empes-

tadas de fumo ; homens e animaes deitados juntos, os interiores das casas selvagens cheios de crianças semi-nuas, idiotas, sarnentas ; os leitos de palha de aveia infecta, os lençóes de fio de estopa e linho pó:tre !

Admirei na Bretanha as perspectivas de Langonnet, o bello rochedo da Magdalena.

Assisti ás lutas, corridas de cavallos, e jogos de embriaguez.

Não me escapou uma só estrada e *tumulus* romanos e a excellente cantelaria estabelecida em um convento do XII seculo, a qual fornece garanhões para toda a Bretanha.

Regressei, finalmente, depois de quatro mezes de excursão, á Paris.

Separei-me do meu guia em Nantes.

No verão seguinte, em companhia de um amigo inglez, viajei o mais interessante dos rios, o *Rheno*, cuja origem se não sabe exactamente, pois que suas ondas alterosas não chegão ao mar por perderem-se nos Paizes-Baixos, onde troca o seu nome pelo de Wal. Dizem que desce dos altos Alpes centraes da Suissa.

O Alto-Rheno sahe do lago de Toma, a este do monte S. Godardo.

O Baixo-Rheno tem a sua nascente na geleira da floresta do Rheno.

De Bale á Krisen, antes de Rotherdam, a sua extensão calcula-se em 900,062 metros.

Trezentas e setenta geleiras, e mais de dous mil e setecentos afluentes engrossão as aguas deste magestoso rio.

Em Mayença tem elle mil trezentos e oitenta pés de largura.

Nas fronteiras da Hollanda, em Schenkenschanz, tem dous mil quinhentos e quarenta e tantos pés de largo

Os pontos mais notaveis de suas duas margens são Mayença, fundada por Drusus, genro de Augusto, 14 annos antes da era christã. Em face della está Castel, tambem fundada por Drusus.

Em Mayença encontrão-se monumentos romanos.

A cathedral foi começada em 978 pelo arcebispo Weligis.

Admirão-se alli as estatuas de Guttemberg, Schiller, o palacio do grão duque e outros.

Na margem direita, Biebrich, ha um castello construido no estylo *renaissance* em 1706.

Em Niederwalluf começa a região fertil em bellos vinhos.

Mostrarão-me em Eltville o lugar onde Guttemberg 25 annos depois da sua invenção, teve uma typographia.

Visitei o castello de Johannisberg (monte S. João) que em 1106 era um convento de Benedictinos e fazia parte da abbadia de Fould (\*).

(\*) Napoleão I fez della presente em 1805 ao general Kellermann.

Nuder ou Brom-serbourg, pesada molle de pedra do tempo dos romanos, com a sua velha torre em fórma de obelisco. Foi edificada em 1212 por Felippe de Bollonden e destruida pelos francezes em 1689.

A torre dos *Camondongos* (Mausethurm), que na idade média era lugar de postagem e hoje de signaes para avisar os viajantes que se não percão no estreito de Bingen, ou Buraco, onde fortes massas de rochedo apertão o rio.

Em Rochusberg, monte de S. Roque aonde se vê as ruinas do forte castello antigo.

Klopp onde Henrique IV esteve prisioneiro em 1105.

O castello do *Gato*, o do *Camondongo* em face daquelle. Muitos outros mais ou menos dignos de menção.

Colonia, a cidade fundada pelos Ubriers. Aggripina mãe de Nero, alli nasceu. No anno 50 ella era christã ; levou ella uma colonia de veteranos romanos, que foi chamada *Colonia Claudia Aggripina*.

A cathedral foi edificada em 1248 pelo arcebispo Conrado Hoschestetten, sendo o architecto Geraldo Riehl. A synagoga dos judeus foi doação do opulento banqueiro Oppenheim.

O meu companheiro admirava todas essas bellezas, mas suspirava pela Italia e eu tambem.

Voltamos de novo a Paris, nosso quartel general, e um mez depois partimos por mar para Genova, outr'ora capital da republica lyguriana.

Situada no declive de uma montanha que faz parte dos Appeninos, tem ella seiscentos metros de circuito.

Edificada quasi em semi-circulo, sobre terreno desigual tendo a fórma de amphitheatro.

E' um dos melhores portos do Mediterraneo.

Defendida pela natureza e pela arte, por mar e por terra, pôde sustentar toda a sorte de sitio.

Suas ruas são estreitas e sombrias.

Palacios magnificos ornão a estrada Nuova e a Balbi.

Alli encontramos bellas obras de Van-Dyck e Rubens.

A *Virgem aos pés de Christo*, de Paulo Veronese, é um busto antigo de Vitellius

A linguagem ordinaria dos genovezes é um miseravel *patois*.

O povo é devasso e crapuloso. Ha bellas fabricas de coraes e veludos. Genova é appellidada a *Soberba*, pela grande quantidade de marmores que possui.

Visitamos Turim que fica a vinte e seis leguas S E. de Genova, situado perto dos Alpes, em uma bella planicie regada pelo rio Pò, no lugar chamado *Dora Reparia*

A sua origem remonta á mais alta antiguidade.

Foi fundado, dizem, que por Phœton, principe egypcio, irmão de Osiris, que lhe deu o nome de Touro, symbolo do deus *Apis*, adorado no Egypto.

Foi fundada em 1529 antes de Jesuſ Christo.

Seu filho *Eridano* deu o seu nome ao hoje rio Pó.

Plinio diz que Turim é a mais antiga cidade da Lyguria.

Durante dous mil e oitocentos annos passou pelo dominio de todas as potencias que reinarão na Italia, principalmente da dos reis lombardos em 568, e Carlos Magno em 774.

Em 1280 foi cedida á casa de Saboya, que della fez a capital de seus Estados, e a habitou sempre.

Tem minas e subterraneos que se estendem por baixo dos campos.

Ha alli um poço, por onde um esquadrão de cavallaria desce e sobe por dous grande tanques differentes.

E' uma cidade de fausto e luxo.

Artistas e mulheres vestem-se bem. A sociedade é escolhida. Os habitantes são honestos, as mulheres muito amaveis. Dahi seguimos para Milão, a vinte e nove leguas S. O.

Andavamos como lá se diz, em *cambiantura*, que quer dizer, não se viajando senão depois do sol posto e sem galopar. E' uma das duas maneiras de correr a posta.

Milão, é depois de Roma e Napoles, a maior cidade da Italia.

Foi fundada pelos Celtas, nação gauleza, no anno 340 de Roma.

Tem dez milhas de circuito.

O inverno, em consequencia de estar ella perto dos Alpes, é rigoroso.

Tem vastos jardins, edificios magestosos e muitos monumentos antigos.

A cathedral, depois de S. Pedro de Roma, é um dos templos mais vastos da Italia.

De estylo gothico e soberba. Enriquecida de estatuas, baixos relevos e ornamentos de grande preço.

Entre as esculpturas notão-se as de Cristofono Cibo, uma representando Adão, e outra S. Bartholomeu esfolado.

Atribuem alguns esta ultima a Marco Ferrerio, chamado o *Ograti*.

Em uma capella subterranea está o corpo de S. Carlos Borromeu em um tunulo de crystal, com ornamentos dourados. Um sem numero de edificios e igrejas notaveis alli se encontrão. Na bibliotheca ambrosiana, concebida e executada por Carlos Frederico Borromeu, encontrão-se sessenta mil volumes e vinte mil manuscriptos preciosos, assim como desenhos e obras autographas de Leonardo de Vinci e outros.

Os viajantes são bem recebidos.

Os hotéis são ao gosto dos de Paris.

Em *Castellaso*, magnifica casa de campo, admiramos uma estatua de Pompêo.

A duas milhas da cidade, na *Casa Simonetta*, existe um echo que repete quarenta vezes o som da voz humana e sessenta vezes o de um tiro de pistola.

No tempo dos romanos chamava-se esta cidade *Médio lanum*, capital da *Insubrid*.



Foi outr'ora tomada e retomada, e queimada tres vezes.

*Barba-russa* a destruiu e por ella fez passar a charrua.

A tres leguas de Milão está situada *Monza*, pequena cidade onde se guarda a corôa de ferro com que foi coroado Carlos Magno.

Deixo de mencionar muitas outras bellezas e monumentos que encerra, pela pressa com que escrevi as minhas impressões e observações.

Visitámos Mantua, situada no centro de um lago formado pelas aguas do Mincio.

Dizem que esta cidade é mais antiga do que Roma trezentos annos, e que foi fundada pelos etrurios.

Othon II a dera a Canosa, que a transmittio á condessa Mathilde, sua nora.

Passou depois para os Visconti e foi tomada pelos Bonacorsi, o ultimo dos quaes foi morto por Luiz Gonzaga, reconhecido soberano em 1428.

Carlos V a erigio em ducado em 1530.

Os edificios publicos são magnificos.

A sua architectura é um composto do gosto antigo e moderno.

A cathedral é magnifica.

Alli se encontrão bellos desenhos de Julio *Romano*, os tumulos de João Baptista Mantuano, o litterato, e de André Montegua, pintor celebre.

O corpo de Julio Romano, repousa na igreja de

S. Barnabé, onde *Carlos Cignani* pintou as bôdas de Canaan.

Perto dessa igreja existe ainda a casa em que habitava *Julio Romano*.

Na igreja dos Theatinos se admirão as pinturas dos melhores mestres.

A residencia dos antigos duques, o chamado palacio do *T*, pela semellrança que tem com essa letra, é um dos mais bellos edificios de Mantua.

A architectura é de *Julio Romano*, que nesse palacio passou a maior parte de sua vida enriquecendo-o com grande numero de pinturas, taes como a quêda de Phaetonte, a historia de Psyché, *Julio Cesar*, e a quêda dos gigantes. Além dos grandes quadros de *Polyphemo* e *Acis*, do combate dos *Horacios*, da continencia de *Scipião*, tambem seus.

Na igreja de Santa Egide está enterrado o grande poeta *Bernardo Tasso*.

Perto de Mantua está a aldêa de *Pictola*, ou *Pectocle*, onde nasceu o grande poeta latino *Virgilio*, chamado o Mantuano.

Em Mantua nasceu o grande *André Montagna*, mestre de *Corregio*, inventor da gravura na Italia; *João Baptista Mantuano*, geral dos Carmos, mui conhecido por suas poesias latinas; *Luiz Gonzaga* e a famosa condessa *Matilde*, a bemfeitora da Santa Séde.

*André Colonna*, o cavalheiro da corôa de ferro, tambem ahi nasceu. Foi elle o grande rabbino e pre-

sidente do consistorio central dos israelitas em França, excellente poeta das linguas orientaes e sabio philologo.

A quatorze leguas ao norte de Mantua está situada Parma, fundada pelos etruscos, e da qual se apoderarão os gaulezes.

Foi uma colonia romana 185 annos antes de Jesus Christo.

Em 570 passou para os lombardos, no reinado de Alboin, e até Carlos Magno soffren varias revoluções.

Sustentou esta cidade o sitio que lhe pôz Frederico II em 1248.

Era tal a crueldade desse tyranno que todos os habitantes, que cahião prisioneiros, elle os mandava lançar nas catadupas com uma pedra ao pescoço ; mas os seus heroicos habitantes fizeram uma sortida, devastarão a cidade da Victoria e obrigarão Frederico II a retirar-se.

E' magnifica a sua cathedral de gothica architectura.

O grande theatro é um dos mais vastos da Italia.

Tem trezentos pés de comprimento e pôde admittir mil e trezentos espectadores. Foi desenhado por *Vignola*.

E' disposto de tal sorte, que o espectador vê a scena, em qualquer ponto que esteja da sala, que é de fôrma oval.

O proscenio é decorado no gosto corynthio.

O interior das columnas é ornado de nichos e estatuas.

Os camarotes são formados por entre columnas das ordens jonica e dorica, e de doze gradis antigos.

A balaustrada é ornada de estatuas de distancia em distancia.

Entra-se na sala por dous arcos de triumpho, sobre os quaes ha estatuas equestres.

Os pedestaes da balaustrada têm genios com tochas que illuminão a sala.

Em nenhum theatro do mundo se ouve tão distinctamente as vozes dos actores como neste theatro.

Bem podia elle servir de modelo.

Na galeria do museu encontram-se os mais bellos quadros.

Na igreja da *Stecata* admira-se o casamento da Virgem, de *Procaceno*; uma flagellação de um S. João Baptista, de *Lionello Spada*; uma sybilla, de *Mazzuolo*; tres sybillas e um Moysés, de *Parmigiano*.

Encontrão-se em S. Roque, no santo sepulchro, pinturas de *Crespi*, de *Paulo Veroneze* e de *Guerchin*.

Mostrarão-nos na academia a patente de Trajano escripta em uma taboa de bronze.

No palacio *Giardino*, assim chamado pela belleza de seus jardins, admirámos em alguns aposentos bellos frescos de *Carrache*.

Percorremos innumeradas villas e aldéas, mais ou menos interessantes, e fomos a Orviète, a antiga *Ur-*

*binum*, para admirarmos na sua cathedral gothica as esculpturas, mosaicos e quadros inestimaveis.

Nella trabalhou Nicoláo Pisano como esculptor.

A capella foi pintada por *Signorelli*.

O divino *Miguel Angelo* ahí fazia os seus estudos.

A capella do Santo Milagre do *Corpovalli* é riquissima.

Descemos a cavallo o famoso poço, cávado na pedra porosa, de uma enorme profundidade.

Tem cento e cincoenta degrãos largos ; cem janelas fazem com que a luz illumine essa grande cóva.

Sóbe-se por outros degrãos praticados do lado opposto.

Fóra da cidade, e para o lado de Bolsena, vê-se a collina de que falla o jesuita Kircher, coberta de columnas ou prismas de basalto, de consideravel altura, quasi todas inclinadas e de figura exagona.

No cimo de uma collina, tres milhas distante do mar, oito leguas do noroeste de Fermo, a patria de *Sactance*, está a pequena cidade do Loretto, celebre pelos objectos que encerra e pelo *thesouro da Virgem*.

Na capella da Santa Casa venera-se a imagem dessa Virgem, que dizem ter sido transportada pelos anjos, da Palestina para a Dalmacia e dalli para Loretto.

Essa imagem está no meio da igreja (\*).

(\*) Foi em 1797 transportada para a França como estatua, que depois foi restituída.

Tem trinta e um pés e nove pollegadas de comprimento, e treze pés e tres pollegadas de largura, sobre dezoito pés e nove pollegadas de altura.

E' toda encrustada de marmore de Carrara, ornada de esculpturas de *Sansovino*, de *Sangallo*, de *Bandinelli* e outros.

O thesouro dessa Virgem era riquissimo.

Constava o thesouro das tunicas, magnifica coberta de ouro e pedras preciosas. Em todas as festas se mudava de tunica.

A tunica do Menino Jesus, que ella tem nos braços era magnifica e ornada de brillhantes.

Tanto este, como a Virgem, tinham corôas de ouro cravadas dos mais bellos diamantes.

Estas duas corôas de um valor immenso forão offer-tadas por Luiz XIII, quando elle desejava ter um filho que lhe succedesse.

A grade do altar era massiça, de prata.

A cornija e o retabulo erão de ouro.

Vinte alampadas de ouro, cravadas de brillhantes, ardião noite e dia.

O anjo, que apresenta á Virgem Luiz XIV ao nascer, era de prata e o menino de ouro e este pesava trinta e seis marcos.

Havia promessas (*ex voto*), ainda mais ricas, as quaes estavam em uma sala contigua : calices, vasos sagrados, joias de toda a especie.

Admirava-se alli uma grande estrella de ouro, com

trinta e cinco grandes perolas, oito brilhantes, dez rubins e dezeseis opalões, e no centro uma esmeralda em fôrma de coração, ornação de seis rubins e nove diamantes, offerta de Henrique III, rei de França em 1598.

O collar do Tosão de Ouro de Felipe IV, rei de Hespanha, mais maravilhoso pelo trabalho do que pelo grande numero de brilhantes de que estava coberto.

Uma fita de chapéo de um duque da Baviera, formada de duzentos e vinte e cinco grandes diamantes.

E assim ostentavão os reis a sua grandeza à custa do suor dos pobres povos !

Alli vi a cidadella do Havre, de prata, offerta do grande conde.

O registro de todas essas riquezas está feito em um livro que alli existe.

Cem mil peregrinos ião todos os annos offerter uma joia á Virgem, segundo suas posses.

Antes da revolução era incalculavel o valor desse thesouro, de que muito cautelosamente dispunhão em seu beneficio os paêres e grandes da igreja !

Descernos á grande adega da igreja, onde havião toneis enormes cheios dos melhores vinhos da Italia, que nos disserão ser para uso da missa.

— Abençoados padres ! disse D. José Girão.

O jesuita rio-se.

— Amen, disse elle.

Regressámos para Parma, para seguirmos pela estrada de Roma.

Tendo pousado á porta do Taro, rio que fica entre Parma e Placencia, ali nos demorámos seis dias por estar o meu companheiro adoentado e querer visitar a cidade, edificada quasi sobre a margem do rio Pò, na embocadura do Trebia, em uma deliciosa planície entre Milão e Parma, a treze leguas nua da outra.

Esta cidade, agradável e salubre, foi edificada por uma colonia romana no anno 350 de Roma.

Saqueada pelos cartaginezes, os romanos a restabelecerão durante a guerra de Othon e de Vitellio.

Sustentou um assedio contra Totila, rei dos godos.

Seus heroicos habitantes preferião ficar reduzidos a morrer de fome do que renderem-se !

Tomada em 570 por Albino, passou depois para o dominio dos reis lombardos e de Carlos Magno ; ora sob a facção dos guelfhos, ora dos gebelinos, teve successivamente por senhores os *Scotti*, *Landi*, *Turriani*, *Visconti*, os reis de França, os papas, os duques de Parma e de Placencia, e os francezes, até que pelo congresso de Vienna em 1814 foi governada pela archiduzenya da Austria, Maria Luiza.

Na grande praça duas estatuas equestres de *Ranuccio* e de Alexandre *Farnese*, de João de Bolonha, são magnificas.

E' um pouco acima de Placencia que se vê o *Campo Morto*, ou campo de batalha em que Annibal derrotou os romanos na batalha de Trebis.



A sete leguas de Placencia para o lado do meio-dia e ao pé do *Moria* e do *Rovinasso*, montanhas altíssimas estão as ruínas de Velleis. Veirão VV. EExs. como são magnificas !

Essa cidade, com seus habitantes e riquezas, foi esmagada e sepultada em consequencia do desmoronamento de um grande rochedo.

Ignora-se entretanto em que época se deu esse desmoronamento.

E' mais favoravel que fosse destruida pela erupção de um vulcão hoje extincto, porque encontra-se alli uma fonte que ferve sem que a agua esteja quente ; uma outra, cuja superficie se inflamma logo que se lhe aproxima a chamma de uma véla ; além de se encontrar, uma materia inflamavel pelo terreno, medalhas fundidas e algumas materias negras.

Tambem alli se encontrão monumentos posteriores a *Constantino*.

Os rochedos que cobrem as ruínas a mais de dezoito pés tornão difficeis as escavações.

Tem-se entretanto descoberto casas, que erão isoladas umas das outras de varios andares, umas ladrihadas de marmore, outras de mosaicos.

Pinturas, vasos de bronze, bustos de marmore, columnas ornando uma vasta praça, cadeiras de marmore, leões tudo se tem dalli desenterrado.

Dahi regressamos à Placencia e de Placencia à Roma.

Eu já tinha estado em Roma, mas pouco tempo me demorára na famosa capital do mundo, edificada no anno 3252, ou 752 annos antês de Jesus Christo, *Romulas* ou *Remus*.

Já era tarde ; o jesuita ia recolher-se ao seu aposento, promettendo continuar.

Meia hora depois sabia elle furtivamente do seu aposento e se dirigia ao collegio dos jesuitas, onde se demorou uma hora em conferencia secreta com o provincial.

Dalli dirigio-se ao club dos jacobeos.

Expliquemos ao leitor o que era esse club.

## XXIV

### A seita dos Jacobeos

A seita dos *jacobeos*, que teve principio nos ultimos annos do reinado de D. João V, tambem era conhecida pelo nome de *beatos*.

Foi o centro da sua propaganda o collegio que os eremitas calçados de Santo Agostinho (gracianos) tinham na universidade do Coimbra.

Quando o grande vallido de D. João V, Fr. Gaspar da Encarnação, estava no mosteiro de Santa Cruz, como reformador daquella congregação, alcançãrão esses eremitas ganhal-o para a seita por elles instituida.

A essas novas doutrinas derão o titulo de *Theses, maximas, exercicios e observancias espirituaes da Jacobéa*.

Essa fanaticã instituição visava um alvo, na apparencia meritorio.

O fanatismo e a hypocrisia, porém, sob a apparencia de affectada aspereza e inopportuno ascetismo, turbava as consciências, escandecia as imaginações e produzia os fructos da piedade allucinada.

Aspirava essa seita a uma vasta associação, quasi identica á da companhia de Jesus.

O seu segredo residia no confissionario.

A violação do sygillo sacramental era o seu mais poderoso instrumento.

O jesuita filiou se nessa seita.

Quatro prelados de grande autoridade erão na ordem episcopal os que mais ajudavão com o seu nome essa seita anti-christã.

O jesuita de tudo tomava nota.

Quando regressou á casa, alta ia a noite : duas horas tinhão soado.

Mal sabia elle o que o esperava.

Quando na manhã seguinte acabou de almoçar, o duque disse :

— Caro marquez, recebi hoje uma carta anonyma; lêde.

E apresentou a carta ao jesuita.

Este leu o seguinte :

« Duque.—Acautela-te ; metteste o lobo no redil.

« Esse marquez deve matar-te por ordem da companhia de Jesus. »

O jesuita empallideceu.

— Sr. duque, disse elle estendendo a mão, se esta mão vos ferir algum dia, desejo que seja logo decapada pela mão do algoz.

O duque de Ossuna apertou nas suas a do jesuita.

— Assim seja. Eu não dou credito a cartas anonymas.

Maria de Gusmão fitou o jesuita.

Este nem sequer pestanejou.

Durante o dia conservou-se triste e silencioso.

— Caro duque, disse elle ao jantar, tenho decidido retirar-me para a França.

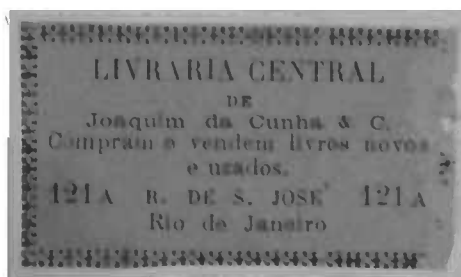
— Nós o acompanharemos, respondeu o duque.

— E não teme que o assassine ?

— Não, mil vezes não. Não o considero miseravel e vil instrumento de um tribunal iniquo e execravel.

— Ainda bem, respondeu o jesuita.

Nessa noite se combinárão para uma excursão pela França e parte da Italia, devendo dentro em oito dias partirem para a França.



---

*\*No prélo o segundo volume.*



## **ADDENDO**

Já estava concluído este volume, quando o acaso nos forneceu documentos importantíssimos, que talvez por muito tempo existirão occultos por baixo do soalho de uma casa particular.

São elles os seguintes :

Memórias secretas dos acontecimentos mais notáveis do Rio de Janeiro desde 1614 até 1785, collectados por um alto funcionario publico.

Chronica escandalosa dos padres da companhia de Jesus.

As freiras no banho do mar, e os padres servindo-lhes de Mentores nas noites de luar.

Os reitores do collegio dos jesuitas Manoel da Costa, Francisco Madeira, Barnabé e Ambrosio Cardoso.

O monge João *Murequi*.

Julio da França, reitor dos jesuitas, faz obras *sub terra* no collegio, e mata o mestre pedreiro.

Noticia minuciosa dos carcerees, escondrijos feitos por baixo do collegio, planta e perfil delles pelo capitão-mór e ouvidor Paulo da Rocha Siqueira, preso

clandestinamente por Constantino de Menelão, por ordem do capitão-mór e governador.

Seu resgate dado aos jesuitas, sua profissão na companhia, sua sahida pelo corredor, ou galeria do lado do mar ;

Uma orgia nos subterraneos do collegio.

Minas de ouro e prata descobertas por Theodosio de Ebanos, onde são.

Motim por causa do clérigo cognominado *Arrevesa Toucinhos*.

Um drama na rua das Bellas-Noites.

Minas de ouro e pedras preciosas no rio S. Francisco, descobertas pelo senhor de engenho Gabriel Soares, que lá morreu de febres.

Segredos de justiça.

Relação dos haveres dos jesuitas em 1729.

Revelações secretas do reitor do collegio dos jesuitas Julio da França, escriptas em cifras e dirigidas ao geral Lourenço Ricci, interceptadas por um agente do marquez de Pombal.

Drama nocturno de padres e frades.

O formoso capitão do terço.

Estes papeis, perfeitamente conservados, vão fornecer-nos assumpto para satisfazer a curiosidade dos nossos amaveis leitores.

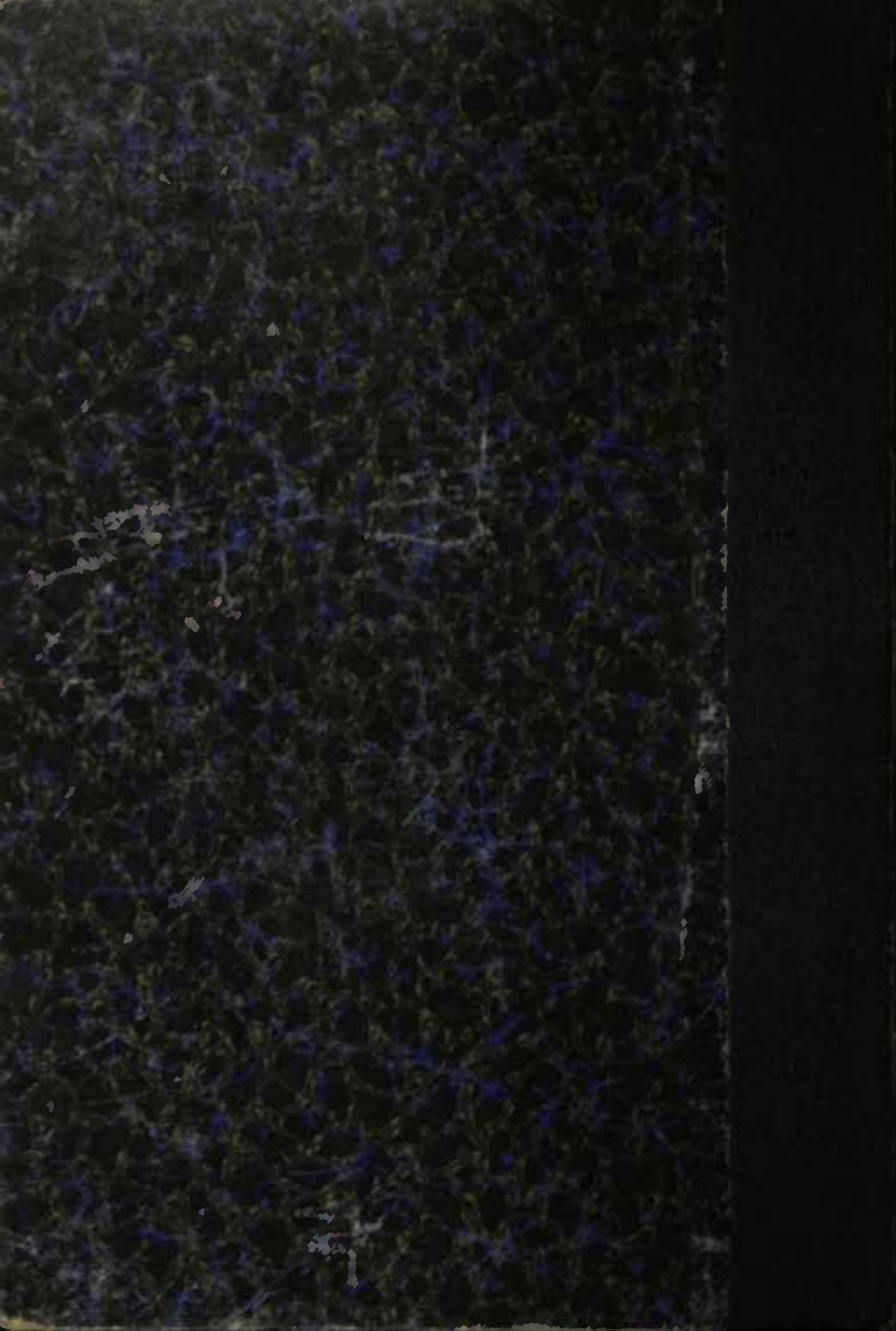












## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).